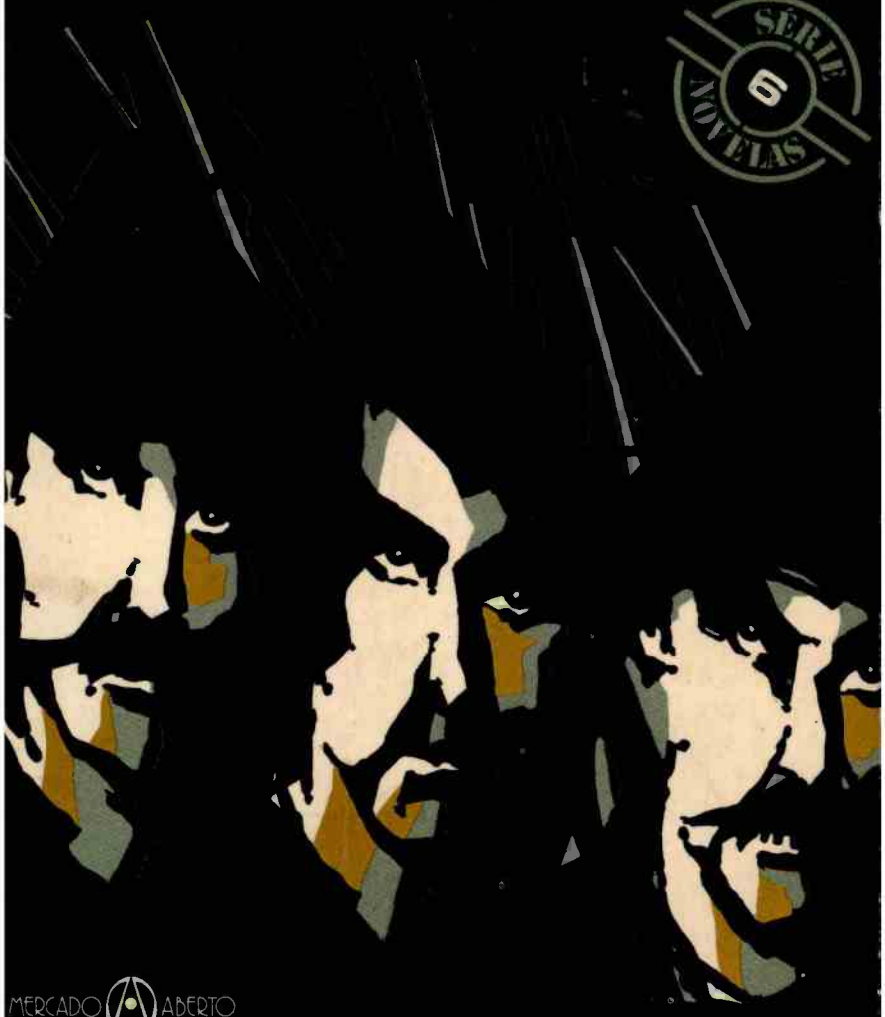
A GUERRA DA DONZELA

Nilto Maciel

SÉRIE NOVELAS 6



MERCADO ABERTO

Nilto Maciel nasceu em Baturité, Ceará. Ainda menino, migrou para Fortaleza, onde trabalhou desde cedo para custear seus estudos. Fez de tudo: caixeiro de bodega, caixa de restaurante italiano, vendedor de livros, publicitário, jornalista *free-lancer*. Em 76, formou-se em Direito e a seguir migrou para Brasília, onde é funcionário da Justiça.

Suas primeiras leituras não foram os contos de fadas e Monteiro Lobato mas *A besta humana, Os sertões,* Musset, Camilo, etc. E suas primeiras tentativas de escrever se deram através do soneto e de novelas. A seguir, compôs alguns contos que publicou em 74, sob o título geral de *Itinerário*. Aí a influência é de Sartre, Hesse, etc.

Em 1975, criou a revista *Intercâmbio,* que se inseria dentro do movimento geração mimeógrafo. Em 76, veio à tona o movimento que deu origem à revista *O Saco Cultural,* conhecida amplamente, inclusive no exterior, e dos quais foi um dos principais participantes.

Tem contos, poemas e resenhas críticas publicados em El Cuento (do México), Ficção, Escrita, O Saco, Suplemento Literário Minas Gerais, Arsenal, Contos & Novelas, etc.

Para Alda, Raimundo
e Francisco José,
esta estória de ódio
e loucuras coletivas,
com um abraço
do

Brasília, 2/janeiro 83

Autorizo Soares
Feitosa a publicar
este livro no Jornal
de Poesia.
Fortaleza, 5/10/2013

NILTO MACIEL

A GUERRA DA DONZELA

MERCADO ABERTO
1982

Capa: Marco Cena
Composição: Ricardo F. da Silva
Revisão: Charles Kiefer
Supervisão: Noelci R. Jacoby
1982

FICHA CATALOGRÁFICA

M152g Maciel, Nilto Fernando
A guerra da donzela. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1982.
69p. (Novelas, 6)

CDU 869.0 (81) – 31

Índices alfabéticos para catálogo sistemático

Literatura brasileira: Romance	869.0(81)-31
Romance: Literatura brasileira	869.0(81)-31

Bibliotecária responsável: Rejane Raffo Klaes CRB-10/586.

Todos os direitos reservados a
Mercado Aberto Editora e Propaganda Ltda.
Rua Santos Dumont, 1186 – Fone (0512) 22 8822
90000 – Porto Alegre – RS

Em memória de
Edinardo e Ailton.

Para meus pais e irmãos,
minhas filhas e esposa.

OBRAS DO AUTOR

- *Itinerário*. Fortaleza, Ed. do autor, 1974.
- *Tempos de Mula Preta*. Fortaleza, Sec. Cultura e Desporto, 1981.

Antologias/coletâneas:

- *Nova Poesia Cearense*. Fortaleza, Gráfica Editorial Cearense, 1976.
- *Queda de Braço* — uma antologia do conto marginal. Rio, Club dos Amigos do Marsaninho, 1977.
- *Rosas de Sangue*. Brasília, 1980.
- *Horas Vagas*. Brasília, Coleção Machado de Assis do Comitê de Imprensa do Senado Federal, 1981.
- *Conto Candango*. Brasília, Editora Coordenada, 1980.
- *10 Contistas Cearenses*. Fortaleza, Sec. Cultura, 1981.

PREFÁCIO

Foi com Tempos de Mula Preta *que Nilto Maciel revelou suas tendências literárias, firmando-se como um escritor consciente dos recursos que a palavra oferece e dela auferindo toda a força e magia em contos que se nivelam no gênero ao que de melhor se tem publicado atualmente no Brasil. Seria, pois, previsível que logo o autor surgisse com novas experiências, no sentido de ampliar os traços de seu discurso, definindo melhor suas orientações ou princípios estéticos.*

Agora, passando do conto para a novela, Nilto Maciel dá continuidade a seu trabalho com este livro A Guerra da Donzela, *uma narrativa tão bem construída que será difícil apontar-lhe defeitos em qualquer nível de leitura.*

Quanto ao plano da ação, tudo gira em torno de um pretenso rapto, sem desvios ou digressões, quase transmitindo a feição de uma narrativa monocrônica, com poucas características do romance e bastantes traços do conto e da novela.

Mas, se de um lado os elementos formais conduzem a esta interpretação, é necessário observar que a narrativa esconde múltiplos significados captáveis através de uma análise que leve em conta, acima de tudo, os aspectos sociais conectados às raízes inconscientes dos preconceitos e tabus.

Com efeito, o alvoroço vivido numa cidadezinha do interior cearense por causa da notícia de uma donzela raptada aos poucos faz vir à tona uma série de motivos arraigados no inconsciente coletivo, simbolizados por sucessivas visões míticas. São formas agigantadas e estranhas que entretanto não chegam a instaurar a atmosfera do fantástico, posto que devam ser compreendidas a partir de um contexto até bem mais rico.

Na realidade, o aparecimento do gigante Gorjala, da enorme burra preta, do ovão do tamanho de uma jaca, do cururuzão, do porcão preto e de outros monstros não se deve apenas à insanidade ou estado alucinógeno das personagens envolvidas, senão que deriva de violentas marcas de repressão sexual geradoras de mitos ou arquétipos. Será desnecessário apelar para as teorias psicanalíticas freudianas, tão óbvias parecem ser as conotações que os símbolos sugerem, principalmente porque sempre associados ao medo e à repulsa.

Este é, por conseguinte, um dos possíveis ângulos para a leitura do livro, daí advindo uma gama complexa de valores, aptos a formar um contorno em que se possa conhecer a fundo determinados componentes éticos talvez em fase de desagregação. Assim sendo, A Guerra da Donzela *assume um teor de documentário, resguardando do impacto causado pela penetração inevitável de outros padrões culturais um quadro moral definidor do comportamento do homem cearense e, por extensão, do brasileiro.*

De fato, a descrição da vida dos habitantes de Palma, nos arredores da serra de Baturité, é em tudo semelhante à das populações de qualquer vila isolada dos grandes centros urbanos. Os tipos são reiteradamente simplórios, desde o vigário até o prefeito, todos nivelados pelas mesmas preocupações. E disso se aproveita o narrador para compor uma trama leve, cheia de lances irônicos que provocam o riso do leitor.

Aliás, este é um dos aspectos que demonstram sobejamente o poder de observação e de perspicácia do autor. As figuras humanas são descritas, embora caricatamente, com tamanha fidelidade, que de imediato remetem a tipos identificados pelos mesmos traços. Há inclusive que considerar, em termos de tipologia narrativa, uma tendência muito acentuada para a caracterização de tipos, o que acarreta uma análise de costumes, ficando em plano secundário os movimentos que dariam intensidade à ação, esta geralmente mais um recurso para a fixação dos pormenores singularizantes dos tipos, ressaltando o gosto pelo caricaturesco ou cômico.

Tal se observa a partir do fio central da narrativa, a mobilização de voluntários para a defesa da honra ultrajada. Os lances de comicidade perpassam a ação inteira, marcada pela atitude quixotesca da declaração de uma guerra ilusória a que, revestidos da maior solenidade e medo, todos se arremetem decididos.

Sob outro ângulo, o narrador explora o sentimento de religiosidade popular e a guerra se torna uma espécie de cruzada, um misto de procissão e batalhão. O fanatismo se converte assim em um dado a mais no quadro de costumes delineado, devendo-se constituir um índice capaz de conduzir a leitura a inúmeras conotações, algumas sugeridas de modo bastante sutil.

Entretanto, tudo isto só funciona na novela de Nilto Maciel em virtude de um domínio invejável da técnica de narrar. Sem pretender realizar experiências vanguardistas, situa-se nos moldes tradicionais da narrativa linear, renovando-a por uma linguagem que acrescenta em muito a nota de autenticidade e espontaneidade. Este é o elemento fundamental de seu discurso, delimitado pelo domínio dos procedimentos estilísticos e enriquecido enormemente com o acúmulo de expressões regionalistas.

É difícil encontrar nos dias atuais um escritor tão consciente desses recursos. Nilto Maciel percebeu a capacidade estética que determinados torneios fraseológicos ou vocábulos de uso popular estão aptos a produzir e passou a fazer uso deles de forma surpreendente, muitas vezes ingerindo-os no próprio discurso do narrador, num perfeito entrosamento com as personagens descritas.

E, além da familiaridade com o dialeto cearense, resulta o efeito do tratamento dado através da deformação intencional das impressões sensoriais, o que é obtido por meio de hipérboles constantes, enumerações caóticas e insistentes visualizações ou cruzamento simultâneo de sensações. Afinal, ele sempre encontra a expressão adequada para gerar as imagens mentais que o leitor irá reproduzir.

A título de ilustração, eis alguns exemplos desse jogo com os recursos que a linguagem fornece a quem lhe souber desvendar os segredos:

"Um cheiro de vela, hóstia, vinho e alma inundava tudo".

"Um galo retardatário cantava galinhas no quintal."

"A empregada entrou abraçada a pães e notícias quentes."

"O Juiz derramava café na xícara e latim na mesa."

"Ouviu a risada dos urubus de volta à carniça."

"Um gato afiava as unhas numa bananeira."

Mas não é bem lícito tirar do leitor o prazer de descobrir e analisar os efeitos dos procedimentos que organizam o discurso literário de Nilto Maciel. Por isso, os pontos aqui destacados nem de longe acenam para o que realmente pode encerrar esta sua narrativa tão simples e tão rica. São menos um esforço de penetração do que um convite ao leitor para conhecer um universo cheio de sutilezas e de fantasias, um universo em que as palavras revelam sempre mais do que parecem transmitir.

José Lemos Monteiro

Nego danado!
Se não tem coragem,
eu tenho;
vá dizer ao senhor
de engenho
que o cercado tá no chão.

CANTIGA CARIRI

●

Mas depois chegou o medo,
o medo maior que houve
que as negras velhas contavam:
era a mula sem cabeça,
era a cabra cabriola,
lobisomens, bestas-feras.

JORGE DE LIMA

PRIMÓRDIOS

O povo dizia: Mirtes se perdeu com um rapaz da cidade, bonitão, farrista, filho de gente rica. E zombava: quem mandou arreganhar os dentes para homem de posses. Outros se arriscavam.

— Qual nada, aquilo é raça de gente malvada.

O pai da desonrada virou fera. Queria dar fim à menina e ao sem-vergonha.

Mirtes ia ficando buchuda, triste, encabulada. O tempo todo internada dentro de casa, protegida pela mãe.

Os parentes cercavam o velho. Para evitar maiores desgraças, conter sua fúria, dar consolo. Entregasse o caso a Deus, sentado lá em cima, anotando tudo. Davam o rumo das coisas: fosse passar uns tempos em Quixeramobim. Tinham medo: o cachorro (olhavam para todos os lados, abaixavam a voz) era filho do Coronel Colombo, o dono de quase todas aquelas terras, o manda-chuva da região. De família importante, espalhada por todo o Ceará. Gente valente, metida na política e na igreja. Fazendeiros, doutores, padres. Até bispo e deputado. Não adiantava bancar o brabo. Pelo bem da família, donos de pequenos pedaços de terra, moradores sem eira nem beira. Pensasse nos irmãos, filhos, mulher, netos, sobrinhos, primos e aderentes. Deixasse a vingança de lado. Deus havera de castigar o pecador.

Arrumou a trouxa, montou a mula velha e saiu estrada a

fora, mode retirante. Ou fugido da justiça. Para nunca mais ver a terra onde sempre viveu.

Pouco depois de nascer o novo neto, chegou a notícia: encontraram o corpo do pobre velho pendurado num juazeiro à beira de uma estrada no sertão de Quixeramobim.

A família debandou aos poucos: os filhos homens se casaram logo ou foram embora para longe e as moças terminaram nos cabarés de Palma. A mulher perdeu o juízo e um dia desapareceu. Só acharam o esqueleto no fundo de um poço.

Uma tia do velho, viúva, sem filhos, beirando os setenta anos, morava numa casa grande perdida no meio de mangueiras e bananeiras. Fez ouvidos de mercador às conversas do povo e levou Mirtes para debaixo de suas telhas, onde a neta teve um menino, que se chamou Antonio.

O rapaz rico nunca apareceu. Andava metido na política, ajudando o pai na campanha, trepado nos palanques, varando os cafundós da Serra, comprando votos.

Antonio crescia, ficava sabido. Fazia perguntas estranhas à mãe e avó.

— Seu pai está no céu.

Ninguém triscava no passado, escondido detrás dos dentes, vigiado na janta e no pesadelo.

O menino, vivo e morto no meio das mangueiras e touceiras de bananeira, passava o tempo caçando preá, atirando pedra em passarinho, tomando banho em riacho, solto na buraqueira. Catava pedaços de conversas e voltava para casa cada vez mais curioso.

— Coitado desse menino, o pai podre de rico e ele andando quase nu.

Mãe e avó com as histórias furadas de sempre.

— Morreu de mordida de cobra.

Andava pela casa dos dez anos quando Mirtes começou a sentir umas dores, a ficar empambada, a perder as carnes. Não durou muito. Mas, às portas da morte, chamou o filho e confessou o grande pecado de sua vida.

Do duplo choque, Antonio ficou meio zuruó. Só chorou até a hora do enterro. Deu para se refugiar no mato sozinho. A avó o procurava, chamava-o e nada de Antonio aparecer. Em vão os meninos o convidavam para brincar. Vivia calado,

emburrado, escondido. Os dias se passavam e ele alheio a tudo. Nem parecia um menino. Brincava mas, de repente, fugia dos parceiros e se encafuava no mato. Iam encontrá-lo falando só, feito um doido.

À avó, caduca, dia e noite arrastando-se pelos corredores, conversando com o fantasma de Mirtes, quase não dirigia a palavra. Mouca, falava sem parar, como se respondesse perguntas do neto, alheia às indagações que ele fazia. E um dia foi dormir e não mais se interessou pela curiosidade de Antonio.

Levado para casa de um tio, Antonio fez logo amizade com o primo Luiz. Aos poucos, viraram unha e carne. Iam, juntos, deixando para trás o mundo das brincadeiras sem fim. Já então um desabafava, outro ouvia atento. Antonio relembrava a mãe, Luiz o consolava.

Tornavam-se rapazes, unidos nos planos, nos namoros, nos primeiros forrós, nas cachaças escondidas, nas mulheres da vida que iam tomando o lugar dos bichos.

Apesar disso, Antonio jamais falava do pai. Só se lembrava da mãe.

Um dia os dois saíram cedo para a farra. Preparavam-se para um forrobodó à tarde e uma noitada no cabaré de Ana Souto, em Palma. Entre uma talagada e outra, piadas e gaitadas, histórias de trancoso e casos de onça, nomes de namoradas e raparigas. Já xambregados, Antonio voltou a desenterrar defunto velho. Soltou a língua, perdeu o controle, revelou tudo. Luiz ouviu calado o segredo do primo. Toda a história proibida.

Desabafado e aos trambecões, virou-se para o bodegueiro e os fregueses e perguntou se algum deles sabia de quem ele era filho. Todos sabiam.

— Da finada Mirtes, que Deus a tenha.

Alguns se retiraram logo, outros ficaram calados. Na certa, todos conheciam a história e mais uma vez resolviam calar o bico, com medo.

Exaltado, Antonio gritou o nome do pai, enquanto abria a blusa e mostrava uma peixeira.

— Isso aqui é para castrar e sangrar o homem que desgraçou minha mãe.

01

Palma acordou alarmada pela notícia ruim de que uma moça tinha sido raptada durante a noite. Como pé-de-vento, mal o povo tomava café com pão, a nova já corria a cidade de ponta a ponta. E subia e descia as ruas, como a *Maria Rosa,* cada vez mais alarmante e misteriosa.

No cabaré de Ana Souto, palco suburbano de pequenas novidades noturnas, as mulheres acordaram sobressaltadas, irritadas com a dona falando alto.

— Vem bater aqui. Eu juro.

Na noite passada nenhuma confusão: o Delegado fez a ronda, recebeu sua parte, brincou mais do que das outras vezes. Os freqüentadores habituais beberam, dançaram, se trancaram nos quartos com as mulheres. Inclusive dois rapazes da Serra, Antonio e Luiz Jucá, que só foram embora de manhã.

Para os lados da Matriz o zum-zum era o mesmo. Até dentro da igreja. As mulheres assistiram à missa das cinco menos contritas e saíram aos magotes, gesticulando. Às seis o templo já estava quase vazio. Afora Maria da Cunha, o sacristão e a zeladora, apenas os morcegos, que voejavam de lá para cá, de cá para lá, atônitos, tirando finas nos lampadários, nas velas, nos santos, desafiando os anjinhos de asas pregadas nas cúpulas encardidas. A beata debulhava o rosário, mexia os beiços, cabisbaixa, ajoelhada na primeira fila, e tossia. O eco repercutia como uma badalada e parecia não mais terminar. Joaquim arrumava o altar-mor, apressadinho, olhando para a rua, enquanto a zeladora espanava os bancos, morcegos e ecos perdidos na semiclaridade do templo.

— Joaquim.

O sussurro se espalhou e o nome inchou, como uma palavra sem fim. O homem tremeu e tapou os ouvidos, apavorado, e não percebeu Maria às suas costas. Ao sentir a mão gelada no braço, revirou os olhos e cambaleou. Seu nome já era um tinido de sino perfurando suas carnes. Um cheiro de vela, hóstia, vinho e alma inundava tudo.

— Você já sabe do que aconteceu?

Rumaram para a sacristia. Maria arrastava Joaquim, que despertou e desatou a fazer a única pergunta: o quê? o quê? o quê? A zeladora correu, curiosa, no encalço dos dois, espanando o templo.

Maria falava tão baixo que parecia apenas cansada, os dentes chocalhando, como se morresse de frio, os olhos descontrolados, saltitando dentro das caixas, transfigurada toda ela, igual visse o diabo em pessoa. A zeladora esticava tanto o pescoço, o espanador empunhado, que aos pés do sacristão e da beata desenhavam-se dois penachos e dois cabos parecidos em tudo.

— Roubaram uma moça.

Um grande morcego cego cortou o espaço estreito que separava Joaquim de Maria e desapareceu no teto. Cheios de pavor, as ventas abertas como crateras, as cabeças rodopiando doidas, os olhos pulando para o céu, os três se puseram a gritar cruz-credo, cruz-credo, cruz-credo.

Nos fundos da estação, Zé Lobo alisava sua *Maria Rosa,* cercado de ouvintes que esperavam o trem das oito. Começava a contar e lá chegava outro curioso. Recomeçava, obsequioso.

— Ora, você não sabe ainda?

Criava clima de suspense para a grande revelação. Olhava em redor e sussurrava.

— O caso da moça.

Arrodeado de carregadores, vendedores de frutas, bêbados, raparigas, meninos, fazia menção de olhar o motor do carro.

— Como foi mesmo, Seu Zé Lobo?

Chamava para a traseira do ônibus os impacientes. Com

pouco, toda a pequena multidão puxava as orelhas, deixava escorrer baba da boca, fazia caretas diante da banguela do chofer.

O trem apitou longe.

No portão do cemitério, Patrício falava só. Lá dentro os mortos estariam revolvendo a terra. Que diabo! Gesticulava, ia e vinha, balbuciava orações truncadas: roubar moça. Olhava para as torres da Matriz, os casebres próximos, o casario da cidade, o apito do trem que crescia. Cuidar dos mortos. Mexia os beiços e espantava os mosquitos da cara. Que diabo!

Subindo a ladeira no velho ônibus, os passageiros se alarmavam.

— Aqui não havia disso.

Relatavam casos e casos de moças roubadas, defloradas, perdidas lá na capital.

A *Maria Rosa* resfolegava, cansada, pesada de tanto espanto, e Zé Lobo suava, contava tudo de novo, dava marcha.

— É o fim do mundo.

Todos já sabiam a história de cor e salteado.

Na Casa Paroquial, contrito, Padre Queiroz comia à mesa com as Filhas de Maria, que se benziam e tremelicavam.

— Uma ovelha desgarrada.

Pregava contra a luxúria, os olhos grudados nas moças, que arfavam e se lambuzavam de manteiga.

Um galo retardatário cantava galinhas no quintal.

— Pecadores.

O assunto se esparramava sobre a mesa farta, sujava de café a toalha branquinha, com cheiro de rosa. Tema para sermão de domingo.

Batendo pregos, João Alencar perguntava à mulher como se chamava a pobre moça.

À porta deram bom-dia e mostraram um embrulho malfeito. Era Francisco Sombra, às vésperas da Proclamação.

Nu da cintura para cima, calças sujas e remendadas, o sapateiro estendeu as mãos para o cumprimento.

— A cidade anda alvoroçada de novo, hein, Seu João?

Desfez o pacote com pressa e deixou cair sobre pedaços de sola dois sapatos rotos.

— Estão precisando de uma boa reforma.

A mulher veio lá de dentro com dois canecos, derretendo-se em bons-dias.

— O senhor já sabe quem foi a moça?

João Alencar desencorcovou-se de um salto, gritou pelas filhas e ficou a soprar o café fumegante.

— Isso é que é café.

A mulher sorria, mão na boca, recostada à parede.

Três moças apresentaram-se, espantadas.

Mal pegou no sono, Raimundo Xavier despertou com um vozerio dentro de casa. A mulher varria a calçada e tagarelava com vizinhas assanhadas. Botou as pernas fora da rede e praguejou.

— Diabo de dia para passar mais ligeiro.

Dirigiu-se ao tanque d'água do banheiro, lavou a cara com espalhafato, molhando as calças. Ergueu o focinho para o céu.

— Ainda mais essa: está tudo pelo avesso.

Na porta da rua, a mesma poeira. Uma moça bonita, estudiosa, caseira . . .

Voltou ao quarto e pôs-se a vestir a farda.

— Mulher, vem botar minha janta que já está empardecendo.

Nervosa, a mulher correu e perguntou se o marido estava doido.

Ao saber da novidade, José Castello subiu a rua, às pressas, chocou-se numa esquina com Manuel Perdigão, que cambaleou, quase foi ao chão e, até continuar avistando o dentista, rogou pragas e mais pragas.

— Cachaceiro lerdo duma figa.

Escancarou a porta, pisou no rabo do gato e caiu de mãos dentro do baú. Vasculhou, remexeu, espremeu uma barata e retirou cinco batistérios cheios de traça. Assoprou, blasfemou e dirigiu-se à cozinha. Pigarreou, abotoou a camisa e leu, com voz de vigário, os documentos, obrigando as filhas a dizer presente.

Aos trinta dias do mês de janeiro de mil novecentos e quarenta e cinco, batizei e dei os Santos Óleos a Maria, filha legítima de José Castello de Oliveira e Ana Joaquina . . .

A caminho do Colégio dos Padres, os ginasianos, aos bandos, esverdeavam a rua. Gargalhavam, vaiavam, corriam.

— Tua irmã amanheceu em casa?

Tolhiam o caminho da *Maria Rosa,* que subia e gemia como uma burra cansada. Zé Lobo esporeava com pena, a língua no canto da boca.

O Delegado passou abanando as fuças de Maestro Permínio, que assobiava e olhava a rua.

— Fugiu algum . . .

Na carreira, espatifou a informação. Coisa pior. Moça roubada . . .

— Ora essa.

Vinha da casa do Prefeito e desapareceu na esquina da pracinha.

O Maestro esticou o pescoço para fora na tentativa de ver da sua a casa do edil. Janelas e portas abertas, como em dia de eleição. Cantarolou. *Desde Pedro Cabral que a esta terra . . .*

No hotel, a balbúrdia começou cedo. Uns hóspedes nem esperaram pelo café. Caixeiros-viajantes, pesados de pastas, empaletozados, falantes, entravam e saíam.

— Ontem não olhei para uma saia.

Na sala de espera, Victorino fazia suposições.

— Pelo que dizem, é filha de João Alencar.

Lutécio lia a Bíblia, semideitado numa espreguiçadeira. A empregada entrou abraçada a pães e notícias quentes.

— A rua está numa confusão, Seu Freitas.

E foi de casa a dentro, quase gritando, sacudindo-se toda.

— *Quem, todavia, poderá conter as palavras*?

Diante do bule, Doutor Augusto fazia caretas e explicava.

– Artigo 219.

A mulher arrotava perguntas idiotas enquanto se empanturrava de café com pão. O filho mais velho engasgava-se com a lição de latim: *nemo, nullius, nemini* . . . O papagaio beliscava miolos de pão e misturava tudo: nullo augusto.

O Juiz derramava café na xícara e latim na mesa.

– *Cui prodest scelus, is fecit.*

Na Pharmacia Brazil, Sombra gesticulava e discursava sobre a imoralidade e o crime. Citava frases de almanaque e confundia gregos e troianos.

– Indefesa donzela . . .

João Dias cochilava e lia bulas nas suas barbas.

– *Proteus mirabilis, Proteus vulgaris.*

Chegou um freguês chorando e esmurrando o queixo. Queria remédio para dor de dente.

– Um celerado, inimigo público da moral.

O farmacêutico matutava, o freguês gemia, o discurso fazia tremer nas prateleiras os frascos.

– É como a cárie que corrói a dentadura.

Escanchada na velha máquina Singer, Dona Amélia pedalava e balbuciava. O marido perguntava, aborrecido, pelo nome da moça, onde morava, de quem era filha.

– Amordaçou a pobrezinha.

Só faltava fazer a máquina chorar, num tremelique sem fim.

Zé Sampaio, diante da penteadeira, arrumava o bigode, dilatava as ventas, puxava o chapéu para a testa, posava de galã. Como se chamava a mocinha?

A mulher pedalava e falava. História alinhavada a pés e mãos.

– Saiu a galope.

Debruçada à janela, Iracema, cabelos negros esvoaçantes, contava a Franco, na calçada, o romance de uma moça chamada Maria do Carmo que engravidou do próprio pai adotivo, chamado João Maciel.

— De que você está rindo?

O rapaz pediu desculpas pela brincadeira. Não pensou nem sonhou nada. A moça roubada devia ser uma mariazinha lá dos becos do Labirinto.

O barbeiro amarrou o pano na nuca de Luiz Abreu, olhou para o espelho e viu os olhos mortiços do comerciante. Fez menção de dizer alguma coisa e terminou de ajeitar a cadeira.

— Alguma novidade, Zé Sampaio?

Na rua, um cachorro ganiu e saiu correndo com o rabo entre as pernas.

— Só esse boato da moça.

Quase uma hora preparando navalhas para barbear o primeiro freguês do dia e ainda arrumava o pano no pescoço do homem. Foi até à porta da rua. Um moleque amassava uma pedra nas mãos.

— Você sabe quem foi?

Voltou no passo manso, esfregando as mãos nas calças, e se recostou à mesinha, onde a catrevage se espalhava desordenada.

— Parece que foi moça daqui mesmo.

O comerciante fechava os olhos, gemia, afrouxava o nó debaixo do queixo.

Zé Sampaio abriu a navalha e pôs-se a limpá-la num pano sujo, demoradamente, sem olhar para o homem semideitado na cadeira de pau.

— Que história de moça é essa?

O cão apedrejado chegou-se à porta, ainda capengando, e farejou. O barbeiro expulsou-o aos gritos e sapateios.

— Roubaram.

O comerciante riu. Tinha pressa, esperava a chegada de uns fardos de algodão, fizesse logo o serviço.

— Isso vai dar casório.

— O quê? O sujeito nem se sabe quem seja.

À porta assomou a figura do Cabo Jacó. Deu bons-dias.

— Vá se abancando.

Só queria ajeitar o bigode. Não tinha muito tempo, estava em diligência.

A espuma tomava conta da cara larga de Luiz Abreu. Parecia um papai-noel. Zé Sampaio espremia a língua branca entre as gengivas podres, compenetrado.

— Cabo, me diga uma coisa: quem foi a moça roubada?

O militar sentou-se no tamborete, tirou o chapéu e acendeu um cigarro. Olhou para o espelho e deu de cara com os olhinhos pretos do freguês parados na sua direção.

— Sabe, Seu Zé, da história sei pouca coisa e é por isso que ando investigando. O Delegado anda por aí também e não tarda vem bater aqui.

Metade da cara do comerciante pelada, a outra coberta de espuma.

— Estou com pressa mas depois volto para saber da história direito.

No Barracão, moscas zuniam e esvoaçavam. Facões erguidos a rasgar o vento.

— Será filha do Caracas?

Aproveitando o pasmo geral, as moscas pousavam nas carnes, para, em seguida, voar assustadas.

— Um quilo de chã.

De repente, todos se calaram e se voltaram para o portão que dava para a praça e por onde entrava Luiz Caracas. As moscas como que passaram a gritar desesperadamente. Um zunido de ensurdecer tudo.

O alfaiate parou, assustado, à distância dos outros. Os facões reluziam nas mãos dos magarefes.

— O que foi?

Carlos Ramos, sério, varou o ar com o facão para espantar as moscas.

— Como vai a família, Seu Luiz?

Magarefes e fregueses cercaram o recém-chegado.

— Bem. Por quê?

Olhou em volta. Pares de olhos furavam-lhe a cara, a roupa, o corpo. Começou a tremer. Buscou uma brecha por onde pudesse escapulir.

— E as moças?

Braços se entrelaçavam formando cerca de arame farpado, olhos medonhos soltavam labaredas, gigantes espremiam seu corpo desarmado de tesouras e agulhas.

02

Às oito horas, a Delegacia começou a se encher de gente. A primeira aparição se deu em forma de sacristão. Apresentou-se ao Tenente Bezerra em prantos, gago de não se fazer entender.

— Deixe desse choro besta, homem de Deus.

Retirou o lenço sujo do bolso da calça, esfregou-o nos olhos.

— Raptaram minha Lurdinha.

E voltou a ganir.

— O senhor tem certeza disso?

Tinha, daí o seu desespero. Logo a Lurdinha, a caçula, a mais sabida, a mais bonita.

O Delegado pediu que descrevesse os traços fisionômicos da moça, para facilitar a busca a ser iniciada imediatamente.

— Bonita . . .

O Tenente não queria saber disso. Assim não dava. Fornecesse pistas, ajudasse. Indicasse elementos para o esboço do retrato falado da vítima.

— Nem alta nem baixa.

Reclamava mais detalhes. Algum sinal. Sobretudo qual a roupa que vestia ao ser arrebatada para a garupa do cavalo. O sacristão benzia-se e berrava. Então, levaram sua querida Lurdinha na garupa de um cavalo, ela que morria de medo de andar montada?

— Vamos, fale da roupa.

Não, não sabia, pois desde a semana passada não via a filha. Tinha ido passar férias no sítio de um compadre, no Mulungu.

O Tenente deu uma gaitada na cara de Joaquim.

— A moça chupando manga na Serra e o senhor aqui com besteiras.

O caso era recente, quentinho.

— No mais tardar de madrugadinha, Seu Sacristão.

Joaquim parou de chorar, riu, agradeceu ao Delegado, apertou-lhe a mão.

Chegaram José Sampaio e sua mulher, falando alto e chorando.

— Roubaram nossa filha.

Pelos traços descritos pelo povo, só podia ser ela: alta, morena, bonita. O Tenente suplicava calma, falasse um de cada vez, parassem o berreiro.

— O senhor e a senhora viram o homem chegar montado no cavalo?

Queria então saber se era um alazão ou um baio, se o cavaleiro tinha jeito de matuto ou de praciano e, sobretudo, com que roupa a moça estava vestida. Não viram nada. Nem sabiam se havia um cavalo na história. No referente à roupa da Lucinha nada podiam esclarecer.

— Levou todas as roupas, inclusive algumas das irmãs.

— Então queria mesmo ser raptada.

Dona Amélia ficou amarela e foi amunhecando.

Valei-me minha Nossa Senhora da Palma, gritava o marido.

O Tenente pegou a quartinha e deu um copo-d'água para a mulher. E voltou à inquirição. Se sabiam para onde tinha rumado o casal.

— Que casal, Seu Delegado?

Refez a pergunta, pediu desculpas. A moça levou as roupas para onde? Esclareceram: foi passar férias na capital, na casa de uns tios. Aí Tenente Bezerra se aborreceu e deitou sabedoria: se a moça estava na capital era porque não estava em Palma.

— Se não estava em Palma então não foi raptada.

Deixassem de potoca. Voltasse ele a alisar a cara dos homens e ela a pedalar a Singer.

Atordoados, o barbeiro e a mulher, ao pisarem a soleira da porta, se viram impedidos de sair por uma multidão que

invadia a Delegacia. À frente vinham João Alencar e Raimundo Xavier. A seguir, uma récua de mulheres, moças e crianças.

Sentado à mesa, o Tenente fumava, nervoso. Ao ver o povo, tremeu. Se era o caso da moça, falasse um de cada vez.

A sala ficou lotada, todos falando ao mesmo tempo. O sapateiro chorava, gesticulava, gritava. Era o pai da moça, que se chamava Joana. O guarda-noturno afirmava quase a mesma coisa: a raptada se chamava Joana, sim, mas era sua filha. E provava.

— Está aqui o batistério.

João Alencar abriu a boca e partiu para estraçalhar o papel. Atingiu os peitos da mulher de Xavier.

— Vá mamar na jumenta.

Puxado pelos cabelos, desequilibrou-se e caiu de pernas abertas, levando de roldão a agressora. Formou-se um bolo, uns por cima dos outros.

Ao chegarem os reforços — Cabo Jacó e Soldado Honorato —, não havia mais briga a apartar: o Delegado de cabeça rachada, a cara uma máscara de urucu, Raimundo Xavier debaixo da mesa desacordado, uma mulher nua estendida no meio da sala. João Alencar e os demais estavam longe.

O relógio da Matriz batia nove vezes quando Francisco Sombra, horrorizado, tropeçou na nudez esparramada da mulher do sapateiro. Jacó e Honorato cuidavam da cabeça do Tenente.

— Meritíssimo Senhor Delegado, na qualidade de cidadão de bem desta comarca, venho prestar meus prestimosos auxílios à Justiça.

Já discursava por mais de cinco minutos quando a mulher e o guarda-noturno acordaram. Acabava de desvendar o misterioso caso da donzela arrebatada pelos tentáculos de um vilão. A vítima não era outra senão a dileta irmã de Perdigão, chamada Clara. E desandou a falar, entremeando o jargão policial de retórica acadêmica.

Ao cabo de meia hora de discurseira, Raimundo Xavier, como se esquecido do fuzuê recente, lembrou que a citada moça havia morrido de choque elétrico.

— Isso faz mais de dois anos.

A menos que tivesse ressurgido dos mortos.

Recuperado, o Delegado ordenava: a mulher de João Alencar se arrumasse logo e desse o paradeiro do marido, verdadeiro pivô da ocorrência que resultou em tão malfadado escândalo. Perdoava ao guarda-noturno pelo serviço que acabava de prestar. A Sombra intimava a correr a tramela da boca para não estorvar as diligências. E furioso: ninguém mais botasse os pés nem na calçada da Delegacia para falar da moça roubada.

— Assunto encerrado.

Entre seus cabelos uma tirinha vermelha dava-lhe ares de mocinha de quermesse.

03

Tão logo baixou o galo nascido no cocuruto por obra da pancada que o fez desabar debaixo da mesa, Tenente Bezerra mandou Cabo Jacó reunir a tropa. Não precisou falar muito – do caso até os defuntos do cemitério já sabiam. Com meia dúzia de gritos expôs o plano.

– Vamos revirar a cidade à procura do casal.

Deixou Honorato de plantão, instruído para não dar ouvidos a boatos e trancafiar quem insistisse em falar da moça roubada. Determinou a diligência: Cabo Jacó vasculhasse o Potiu e adjacências; Soldado Arruda do Monturão ao cemitério. Ele, por sua vez, se encarregava da outra banda da cidade. Ao meio-dia deviam estar de volta, caso não encontrassem antes nada da moça e seu ladrão.

Saiu cada um para seu lado.

Entre começar pelo lixo ou pelos mortos, Arruda preferiu o primeiro. Chegou valentão, praguejando e enxotando a urubuzada que se refestelava na podridão. Farejava pedaços de donzela maculada, olho aceso afundando no montão de lixo. Lá no meio um corpo escangalhado parecia vítima recente. Caminhou atraído pela catinga, todo urubu nojento. E estancou diante do cadáver estraçalhado de um cachorro. Maldisse o céu e a terra. Ao retirar-se pelo mato na direção do cemitério, ouviu a risada dos urubus de volta à carniça.

Para começar de casa, Lima deixou que todos se retirassem. Precisava refrescar a garganta na quartinha. E rumou para o quintal.

Um gato afiava as unhas numa bananeira. Pendurou-se no muro, olhou para o quintal vizinho e desencadeou uma

gritaria de galos, galinhas, capotes, perus e porcos. Deu um salto para o muro seguinte, perseguido pela bicharada. E saiu a pular muros. Chegou aos que eram puro caco de vidro. Desistiu do risco, já todo sujo de lama, bicorado, azunhado. Inventou de vistoriar as casas com a licença dos donos. Bateu palmas à janela da primeira.

— É para procurar o ladrão da moça e a moça roubada.

Aí as coisas se complicaram. Explicava que era ordem do Delegado, a pessoa se enfurecia, que não era coiteiro de cabra safado, e isso mais aquilo. Noutra investida foi insultado por um papagaio.

— Macaco.

Começou a pensar em desistir de tudo, até da farda.

— Ivan, vá num pé e volte noutro e diga a seu pai que careço da presença dele aqui já-já.

Daí a pouco apareceu Luiz Abreu. Que diabo era aquilo de soldado na sua porta. Lima enrolou a língua, gaguejou e terminou levando recado grosseiro para seu superior.

Para as bandas do Potiu as coisas não iam melhor. Cabo Jacó começou debaixo da ponte. Escorregou na ribanceira e tomou banho com farda e tudo. Foi secar no cabaré de Ana Souto, rido de tudo quanto era lado. Inquiriu todas as raparigas e nada de resposta séria. Aconselharam-no a sair no encalço do trem. Mas tomasse muito cuidado.

— Quando o sol esquenta os trilhos viram brasa de assar macaco.

Sol a pino, voltaram todos de mãos abanando e encontraram Honorato de olhos grudados nos pés do Prefeito.

— Onde já se viu isso?

Tenente Bezerra balançava a cabeça: sim, senhor, sim, senhor, seguido pelos demais. Raimundo Thaumaturgo dava carão aos berros.

— Só na sua cabeça, Tenente, procurar o cabra dentro da cidade.

E abanava o focinho do Delegado, vermelhão, tiririca. Estavam ali servindo de palhaços, ouvindo as lambanças do povo, perdendo tempo. E, no mesmo ritmo: caíssem no mato, depressa como quem furta. Pegassem vivo ou morto o cabrinha, fossem buscá-lo até no inferno. Rumassem para as

bandas do Pacoti. E, baixando a voz de sabedoria: dizem que é um caboclo daquelas bandas.

Passado o primeiro rompante, pôs-se a passear dentro da sala, dando trégua à garganta.

— Estou apenas querendo ajudar.

Ia e vinha, esperando a fala do Tenente, que não dava um pio.

— Que tal uns voluntários?

O Delegado abriu a carranca, aplaudiu a idéia, falou em caso complicado. E mandou a tropa ir almoçar ligeiro, enquanto traçava o plano com o Prefeito.

— Um batalhão civil, Tenente.

Caíram em segredos militares sobre a mesinha, a rabiscar mapas, anotar nomes. Já o Delegado, mais sossegado, dava opiniões, criava autoridade. O Prefeito sorria, na sua cor de sempre.

Mais com pouco, os praças regressavam, palitando os dentes, às ordens.

— Fiquem todos aqui. Vamos formar o batalhão agora.

Saíram Bezerra e Thaumaturgo rua a fora, passos largos, farejando voluntários. Na XV de Novembro avistaram o primeiro.

— Espera aí, Sombra.

Esperou, voltou-se, arregalou os olhos, tremeu, olhou para os lados, ficou paralisado. Viu-se ladeado e, gaguejando, não conseguia passar do eu . . . eu . . . eu . . .

— A conversa é de patriotismo, Seu Sombra.

Calou-se, foi-se firmando no chão, apaziguando os olhos, à medida que ouvia a explanação do Prefeito. E logo voltou ao que naturalmente era, cheio de gestos e palavras. Cresceu, encheu os pulmões, deitou sermão contra os maus costumes, a bandalheira, o crime. E lá seguiu o trio, a conselho de Sombra, no rumo dos cafés.

— Convocação pública, Senhor Prefeito.

Chegados ao Café Progresso, Sombra bateu palmas, chamou todo mundo. O Prefeito queria falar a todos de uma vez, para ganhar tempo, sobre questão urgente de interesse da coletividade.

Thaumaturgo se aprumou, arregaçou as mangas da camisa suada, pigarreou e começou a falar do caso do roubo da moça, da dificuldade que a polícia estava encontrando para desvendar o mistério, do plano do batalhão civil.

— Idéia formidável.

Os que o integrassem seriam beneficiados, de uma forma ou de outra, pela Prefeitura. Coisa de prêmio em dinheiro, empregos para as normalistas. A seguir, alardeou coragem.

— Sou o primeiro voluntário.

Pedia vingança. A cidade havia sido ultrajada por um cabra-de-peia dos matos, um bugre qualquer, uma moça de família maculada em sua honra, a paz ferida. E prometia agir com braço de ferro, como legítimo defensor da cidade.

Sombra trouxe de dentro do café uma cadeira e engendrou um palanque na calçada. Trepado, fez comício. O pequeno ajuntamento de gente virou multidão de tempo de eleição. Os voluntários se alistavam, aos gritos.

— Pode contar comigo, Seu Prefeito.

Acabada a discurseira, o Delegado ordenou que os voluntários o acompanhassem para a explicação detalhada do plano.

— Só os voluntários.

Padre Queiroz aproximava-se, curioso. Inteirado dos preparativos guerreiros, argumentou que o caso era da alçada da polícia e da igreja. O povo voltasse aos seus quefazeres. Não se estava em tempo de guerra. O Prefeito e o Delegado não lhe deram ouvidos e o bando seguiu rua acima.

Na Delegacia, Sombra voltou a discursar: um forasteiro maculou a honra de uma pobre donzela, estudiosa, católica fervorosa, devota de Santa Luzia, Filha de Maria, moça recatada, bondosa, caridosa e formosa. Fez sonetos nas pontas dos dedos, rimando donzela com procela, tudo pesado e medido.

Os valentões ofereciam suas armas para a prática da justiça. Luiz Caracas cortou o ar com uma tesoura, fazendo gestos de cortar a trouxa do criminoso. José Sampaio abriu uma navalha, eufórico.

— Arranco pelo tronco.

João Alencar, de martelo em punho, prometia crucificar o violador da moça. Carlos Ramos e demais magarefes afiavam os pesados facões no cimento do chão. João Dias mostrava venenos mortíferos em pequenos frascos. Perdigão trambecava, garrafa de cachaça à mão. Doutor João Fortes olhava de uma janela de seu sobradão de cem janelas a algazarra e semeava moedas antigas na rua.

— Pobre povo.

Maestro Permínio, bochechudo, soprava o clarim e se oferecia para seguir à frente do batalhão tocando hinos marciais. Zé Lobo subia e descia a rua na *Maria Rosa,* levando o povo de baixo para a Delegacia.

A cidade, em reboliço, parecia casa de marimbondo cutucada. No cabaré desAna Souto a pagodeira comia solta. A dona gritava na porta da rua, gargalhando de vez em quando. Dava de graça, durante um mês, todo o material da casa a quem trouxesse de volta a moça violada.

— Tragam pra cá.

No hotel, Victorino pedia aos hóspedes para não se misturarem à canalha. A coisa estava preta e ia dar em morte.

Iracema se enroscava ao pescoço de Franco, suplicante:

— Vamos ficar lendo o romance.

Sossego mesmo só na Matriz e no gabinete do Juiz. Perto do altar-mor, ajoelhada, Maria da Cunha rezava orações em cima de orações. *Ó Maria puríssima, cuja pureza intemerata foi já outrora figurada naquela mestiça sarça, que, rodeada de chamas, permanecia ilesa, por piedade extingui em nós o fogo da maldita concupiscência, pela qual muitas almas vão arder miseramente nas chamas do inferno.* E desfiava terços e rosários em meio a jaculatórias, salmos, matinas, laudes, vésperas e completas, alheia ao tempo. Doutor Augusto lia e relia o Código Penal, suando às bicas, longe da zoada da rua.

— Artigo 219.

04

Já o sol esfriava e a assembléia ainda pegava fogo na Delegacia. O Prefeito não conseguia fazer valer sua autoridade civil nem o Delegado impunha ordem militar. Uma verdadeira fuzarca. A única decisão tomada dizia que a marcha devia subir a Serra na caça ao criminoso — plano que só o Vigário ousava denegrir. Mas quando partir? E por que caminho?

Do meio da multidão alvoroçada uma figura espalhafatosa se destacou, abrindo brechas.

— Data venia.

Era a voz estrondosa de Sombra na direção do Delegado. Subiu à mesa, ergueu os braços e, cheio de euforia, opinou que deixassem para partir depois de os galos cantarem. Não era hora de se meterem nas brenhas, de se arriscarem a cair em armadilhas. Não era causa de sangria desatada. Aclamado por muitos, logo voltou ao chão, assustado pelos berros de Carlos Ramos.

Molenga, se queria mijar fora do caco, corresse logo para a fianga.

— De noite é que é hora de se caçar bicho-do-mato.

Quem tivesse medo de assombração nem era bom se alistar no Regimento. Guerra ficou foi pra macho. Os maricas ficassem cuidando das panelas para receber os guerreiros cobertos de glória. E cuspia fraseados de caserna debaixo das telhas da Delegacia.

Instigado, Sombra voltou à tona, retirou do bolso sapiências mais antigas. A estratégia era filha da cautela. O Grande Imperador Napoleão Bonaparte, por exemplo . . . No-

vamente teve voltados para si todos os ouvidos. Patriotas de Palma! Propôs um desfile majestoso pelas ruas, para primeiro mostrar ao povo que o caso era de muito patriotismo. A nação palmense esperava heroísmo de seus bravos filhos mas não queria sacrificá-los à sanha da besta dos matos.

Não pôde mais fechar a boca, inventando adjetivos em frases intermináveis, em que perdia o fôlego e parecia prestes a estender os braços e voar.

O grupo batia palmas, muito bem, apoiado, isso é que é tino. O orador perdia a noção da realidade e enchia o novo plano de galas e cores mirabolantes.

— Esmagaremos a serpente mitológica que seviciou as deusas no altar esotérico do supremo criador.

Chamassem a banda, o Prefeito mandasse buscar as bandeiras do Brasil e de Palma.

Mais com pouco, Maestro Permínio soprava com vigor o clarim, fazendo estremecer as grades da cela vazia, e um hino antigo arrepiava até as paredes da velha casa.

Já todos pisoteavam a calçada, quando surgiram os pavilhões. Sombra apoderou-se do de Palma, desfraldou-o e tomou a dianteira. Com o da Pátria abraçou-se o Prefeito. E os dois, dando início à marcha, saíram a passos lentos, seguidos da banda, a tocar forte o Hino Nacional, e dos demais voluntários e da força pública. Iam de peitos estufados, mãos sobre os corações, cantando. Unidos pelo movimento.

Diante do sobradão pararam. João Forte, de fraque preto, bengala à mão, cachimbo no canto da boca, posição de estátua, impunha respeito.

— Guerra aos paraguaios.

Saudaram-no alguns. O velho resmungava, solene, ordens do tempo do bumba. Falava em súditos do Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil.

— Está caducando.

Irritado, Thaumaturgo fez o cortejo seguir. Ao alcançar a XV de Novembro, engrossou mais e cresceu. Na cauda, mais vinte adeptos, incluídos a Primeira Dama e um papagaio. Na dianteira, os porta-estandartes só faltavam subir aos céus — ora o Prefeito à esquerda, ora à direita de Sombra. Mas sempre ombreados.

À altura da alfaiataria de Luiz Caracas, as portas das bodegas do Mercado se foram fechando, tal como quando da passagem das procissões, e nova leva de voluntários ampliou o Batalhão.

Marcha marcial ribombou na direção da Praça de Santa Luzia. E aconteceu que Sombra, trambecando, suado, arfando, tropicou numa pedra mal-assentada do calçamento e, aos trancos e barrancos, se esborrachou no chão. As fileiras rápido se desfizeram e a multidão cercou-o para erguê-lo. Zuruó, só se reanimou após um copo de conhaque de alcatrão de São João da Barra.

Um jumento relinchou junto às paredes do Barracão fechado. A banda voltou a tocar. Reiniciou-se o séquito. Mas já alguma coisa não era igual a antes — o estandarte palmense desfigurado por uns respingos vermelhos, embora ainda conduzido por Sombra, que marchava mais lento.

Ao pisarem a calçada da praça, a banda de novo tocava, Maestro Permínio às vésperas de estourar. E, como se obedecendo todos a um só impulso, dirigiram-se ao coreto, lotaram-no e cercaram-no. A um banco subiu Sombra e, pondo-se entre dois reluzentes trombones e bradando em voz rouca apelos formidáveis, dirigiu-se aos que olhavam das janelas para o aglomerado. Seguiu-se a lengalenga do Prefeito, que tudo repetiu. Depois a banda atacou de ásperos dobrados. Por fim, chegou Padre Queiroz.

— Agora o Vigário vai pregar.

Ladeado por Sombra e Thaumaturgo, o Padre estimulava a procissão, falando do Inferno com garganta abrasada.

Após, seguiram adiante, acrescido o préstito de algumas senhoras e senhoritas. Desciam a Avenida Dom Bosco ao toque de hinos cívicos. Ao passarem diante dos Salesianos, os sinos repicaram solenes e outras senhoras e senhoritas deixaram as janelas e se foram juntar aos que marchavam, véus à cabeça, terços e missais à mão, louvando Jesus, Maria e José.

A velha ponte estremeceu ao peso da tropa e correu um zunzum de medo pelos vestidos. Embaixo o fio d'água corria manso sobre a areia branca. Sapos coaxavam ao compasso do hino. *Ouviram do Ipiranga.*

Na calçada da Estação novo comício, de que resultou a adesão das famílias dos ferroviários e das quengas de Ana Souto. Falaram Sombra, Thaumaturgo e Padre Queiroz. Queriam falar também Tenente Bezerra, José Sampaio, João Alencar, Carlos Ramos, Franco Abreu e outros. Mas a coluna já regressava, o Vigário puxando pelo braço o Prefeito. Sombra se apressou a compor o trio, tomou o outro braço de Thaumaturgo. Padre Queiroz pôs-se a cantar, seguido pelos demais.

O teu corpo sacrossanto
Seja o doce companheiro
Que ao descanso derradeiro
Me conduza sem temor.

O desfile era então um misto de batalhão e procissão. À frente seguiam os porta-estandartes mais o Padre, seguidos da banda. Atrás, três colunas de homens armados de facões, facas, navalhas, tesouras, cacetes e outras armas menores. No final, duas fileiras de mulheres, portando rosários, terços, missais, escapulários, fitas, crucifixos e velas acesas. Os armados acompanhavam ufanos o hino marcial da banda. As mulheres cantavam hinos sacros.

Na 7 de Setembro, ao passarem diante da casa de Lutécio Freitas, que, sentado numa cadeira de balanço na calçada, lia a Bíblia, a confusão se fez. Uma das beatas havia sibilado:

— Olha o bode.

De repente, a marcha harmônica se desfez e avançou na direção do protestante, que, de um pulo, entrou na casa, deixando cair ao chão o livro. A tropa pôs-se a esmurrar a porta e as janelas já fechadas, urrando em desvario.

— Bode! Bode!

Outros pisoteavam o livro e quebravam a cadeira. Para conter a desordem furiosa da multidão, o Prefeito e o Padre bradaram que deixassem daquilo e abriram os braços em defesa da casa ameaçada. A banda principiou um hino cívico, caminhou e arrastou consigo a turba.

Nas proximidades da Igreja do Rosário, o Vigário tomou o comando da coluna, fazendo com que todos cantassem hinos religiosos.

Meu Deus, piedade
Da Pátria estremecida:
Nós o pedimos
Em férvida oração.

Seguindo pela Avenida Proença, a procissão alcançou a Praça da Matriz. Com pouco, a igreja ficou lotada e Padre Queiroz fez sermão. Com sua voz estrangeira, falou durante meia hora contra a luxúria, soltando labaredas infernais na direção do raptor da donzela. No final, rezou pelo sucesso da caçada e exortou os fiéis a irem dormir cedo para de madrugada partirem em busca do pecador e da virgem maculada.

05 A banda espalhou acordes marciais do coreto da Praça de Santa Luzia e despertou os galos e o sino da Matriz. Ia ainda no primeiro dobrado quando chegou Thaumaturgo, calçado de botas, punhal à cintura, fuzil e bornal cheio de balas aos ombros e chapéu de palha enfiado na cabeça. Acompanhavam-no Tenente Bezerra e seus comandados. A seguir, apareceu Sombra, maneiro de armas.

— Que veio fazer assim?

A resposta saiu medida e rimada, com louvores à manhã que raiava e à brisa fresca da madrugada.

A banda não parava de tocar hinos atrás de hinos. Nos quintais, os galos batiam as asas, abriam os bicos e esticavam os pescoços, calados e assustados.

Decretado feriado municipal, só as portas das residências se podiam abrir. Até as igrejas deviam permanecer de portas cerradas. Missa, se houvesse, que fosse no coreto, antes de a coluna partir. Para abençoar a cruzada. Padre Queiroz não inventasse rezaria prolongada.

Às quatro badaladas do relógio da Matriz, já todos os voluntários entravam em forma diante da banda, devidamente armados de espingarda, facas, facões, machados, martelos, cacetes, tesouras, navalhas, chicotes e baladeiras. As portas e janelas das casas escancaradas. Crianças amedrontadas, num berreiro dos diabos. Mulheres rezando por seus maridos, filhos e pais, ajoelhadas nas calçadas.

Perdigão, deitado no portão do Barracão, retorcia-se, abria e fechava os olhos e praguejava. Sentou-se, ajoelhou-se, ficou de pé, deu o primeiro passo e dirigiu-se, aos trambecões, na direção do coreto.

— Vá logo se armar, homem.

Ao ouvir a ordem, parou, bamboleou, olhou para as bodegas do Mercado e voltou.

— Vou buscar uma garrafa.

Maria da Cunha tremia e rezava diante das grandes portas fechadas da Matriz, toda enrolada num véu.

Dando voltas ao redor dos balaios cheios de pão quente, Joaquim amaldiçoava a cidade.

— Então, vou perder tudo isso?

Às cinco em ponto, chegaram ao coreto Padre Queiroz e o sacristão, crucifixos gigantescos pendurados nos pescoços. Atravessando a praça, ia Xavier, fardado, de quepe, apito à boca e cacete à mão, sonolento. O Prefeito o chamou.

— Você hoje vai ficar de guarda-diurno.

Clareava quando Thaumaturgo ordenou o início da marcha. E tomou a dianteira da banda, que saiu tocando o *Desfile aos Heróis do Brasil*. A força pública se misturava aos voluntários, enfileirados.

Por detrás do Barracão surgiu Manuel Perdigão, com uma garrafa entre os dentes, dando adeus.

Deixaram a rua e tomaram o caminho de Mulungu, em passo de ganso.

Dos casebres de taipa à beira da estrada de terra começaram a surgir moleques magros e nus, mulheres assanhadas, homens esmolambados, cachorros ossudos, que latiam em desordem.

O primeiro combate se deu com meia hora de caminhada. Da cidade só eram vistas as torres das igrejas. De repente, o Prefeito parou, pediu silêncio, sussurrou.

— Alguém correu no mato.

Alguns recuaram. Outros não conseguiram mais dar um passo sequer.

— Atirem.

Uns quatro tiros partiram na direção do mato. Ouviu-se um corpo tombar pesado.

— Pode ser uma armadilha.

Cautelosos, o Delegado e os soldados se arrastaram no rumo dos tiros. Pararam. Entre bananeiras um corpo caído. Muito sangue inundava o verde. A vítima se debatia no chão.

— Uma burra!

Calados, decidiram seguir. A banda voltou a tocar. Do horizonte partiam umas faíscas avermelhadas. Uma galinha cortou o caminho toda arrepiada, seguida de um galo famoso.

— São eles.

Os soldados atiraram de novo. O casal sumiu no mato, cacarejando. Tenente Bezerra se aborreceu. Gastando munição à-toa. Sombra saiu em defesa de sua ordem e da atitude heróica dos atiradores. Havia tido uma revelação momentânea. Aqueles eram o raptor e a donzela raptada. Transformados em bichos de pena para os engabelar. Falava de olhos vidrados no sol, os outros paralisados, ouvindo-o.

O vento assobiava, as árvores tremiam. De repente, fez-se um silêncio tão intenso que todos se puseram a rodopiar como carrapetas doidas, tontos. E buscaram todos o único ponto no espaço onde estariam livres do Mal. Uniram-se uns aos outros, aglomeraram-se, como se quisessem cair fora do espaço, numa nova dimensão. Diminuíram de tamanho e formaram um amontoado de carnes igual a de dois ou três homens. Bicho redondo, cheio de pernas, braços e cabeças, a encolher-se.

Mas eis que um urro estrondoso, como se o sol se espatifasse, estilhaçou o bloco e, num instante, todos jaziam estatelados no chão, ao redor de Thaumaturgo, que continuava urrando.

— Um homem! Um homem!

E, voltando a voz para o chão, gigante a soprar a vida ou a morte, parecia gargalhar.

— É um homem, não é um galo! É um homem chamado Antonio, seus abestados!

Os desmaiados se alertavam e erguiam do baixo chão. Apalpavam-se, alisavam as testas inchadas.

Tornados ao seu dever, aliciados pela marcha guerreira, retomaram a romaria. A poeira subia e os da retaguarda perdiam de vista os da frente. Não enxergavam nada. E deu-se que, em sentido contrário, vinham uns jumentos montados. O Prefeito e os soldados estancaram e apontaram as armas para os opostos. A banda esbarrou nas costas dos comandantes e o grosso da tropa meteu a cara nos trombones surdos. Os

jumentos no mesmo passo lerdo. Eram três e sobre seus lombos três homens velhos cochilavam.

— Parem!

Os cavaleiros sofrearam as montarias e soltaram bons-dias arrastados. Thaumaturgo, rifle à frente, olhou atentamente para os matutos.

— Conhecem um tal de Antonio Jucá?

Após longa negativa, o Tenente propôs que os velhos fossem amarrados aos pés dos animais e estes enxotados. Padre Queiroz pôs-se entre a tropa e os inimigos. A Santa Madre Igreja concedia aos condenados o direito à confissão. Nisso os jumentos se espantaram e desembestaram, derrubando de uma vez o Vigário, o Prefeito, o Tenente, Sombra e Carlos Ramos. Os demais, que se haviam afastado para a beira do caminho, apenas ficaram olhando para o estrupício, apalermados.

Socorridos, os cinco custaram a limpar as roupas, apanhar as armas e o crucifixo e se equilibrar. A banda voltou a soprar e a marchar, arrastando os guerreiros entontecidos. Iam vagarosos, lerdos, como romeiros e retirantes.

O sol quase a pino, Sombra gritou:

— Uma ossada!

Num barranco rasteiro, do lado direito do caminho estreito e quase vertical. Lá embaixo, no meio de um roçado.

— Vamos descer.

Ninguém se atrevia a iniciar a descida. Olhavam uns para os outros e pendiam a cabeça na direção da ossada longínqüa. Matutavam, opinavam. Vai um primeiro. Vamos arrumar uma corda. Derruba a cerca.

Lá longe, umas reses pastavam, chocalhando, mansas. Foi quando notaram que se encontravam na parte mais alta do barranco e, à medida que andassem, a altura ia diminuindo, até quase desaparecer. Coisa de um pulinho, mais adiante.

— Vamos descer lá.

Caminharam e além passaram a cerca.

— Uns dez metros aqui.

Andaram mais e mais. A altura do barranco diminuindo. Voltava a aumentar.

— Vamos ter que descer é aqui mesmo.

Eram uns dois metros de altura. Prepararam-se para o pulo. Quem primeiro?

O voluntário dos voluntários foi Sombra, que caiu, bolou sobre a terra queimada e se ergueu, capengando. A seguir, pularam os soldados e Franco. Os demais escorregaram e foram amparados pelos primeiros.

Já em baixo, rumaram de volta à ossada. Iam cansados, suados, praguejando, tropicando nos tocos. Chegaram. Ossos espalhados num raio de dois metros.

— É da moça mesmo.

Agachados, chorosos, acariciavam costelas, tíbias, fêmures.

— Assassino!

Sombra alteou-se, olhou para cima, para a beira do precipício de onde avistaram a ossada.

— Esta desventurada donzela, cujo nome não sabemos, depois de conspurcada em sua honradez, depois de servida à lascívia do celerado . . .

O Prefeito dava explicações minuciosas: como ela não quis se entregar por bem, o tal Jucá, bandido pior do que Lampião, amarrou-a, serviu-se, como bem quis a sua tara, das carnes virgens da coitada e depois degolou-a.

— Vejam que a cabeça não está por aqui. Na certa foi fazer do crânio um caneco para beber cachaça.

Por fim, esquartejou-a, como se faz a um boi.

Cada um tinha às mãos um osso, que examinavam como legistas experimentados. Carlos Ramos portava uma costela.

— Moça fornida.

E pôs-se a vasculhar o chão, os buracos, os tocos queimados, até que descobriu o crânio. Ergueu-o como a um troféu.

Um enorme crânio bovino.

06 Andavam ao léu, perdidos dos caminhos, farejavam restos de virgem violada e rastros de violador desalmado. Catavam frutas podres, corriam atrás das próprias sombras, atiravam em visagens. Já não sabiam para onde seguiam nem onde se achavam. Pareciam um magote de bichos misteriosos. Thaumaturgo já não comandava nada, seu rifle nas mãos de Franco. Tenente Bezerra, de farda surrada, recebia ordens de Jacó, de Honorato, de Lima e de Arruda. O sacristão dava gritos em Padre Queiroz. Sombra era uma figura apagada, sem eloqüência. Todos mandavam e ninguém obedecia.

— Por aqui.

E os outros seguiam por ali, cabeçudos, desobedientes, atrevidos. O que ordenava recuava e se ajuntava ao grupo, como mero acompanhante.

Iam nesse sem-rumo, quando João Alencar, que nunca via nada, não falava, nem seguia adiante, avistou uma cabana escondida no meio do bananeiral.

— Na certa estão lá fazendo sem-vergonhices.

Reuniram-se, calados, detrás de uma touceira, e gesticularam planos de assalto.

Dividiram-se em três grupos. Um devia entrar pela porta da frente: o Delegado e seus subordinados. Outro pela dos fundos: Carlos Ramos, Franco, João Alencar e Vasconcelos. Os demais se encarregavam de cercar a choupana, por longe.

Saíram rastejando, como nos filmes de guerra. Padre Queiroz agarrava-se ao crucifixo, trêmulo. Sombra mal conseguia andar, roçando uma perna na outra. Thaumaturgo

suava, olhava para trás, suspirava. O silêncio das horas derradeiras passeava pelas folhas do chão.

Na casinha, de cócoras, cochilando, dois velhos muito velhos pitavam cachimbos de barro.

Súbito, um grito fez estremecer as paredes de taipa.

— Cadê o bandido?

Cercaram os velhinhos, armas apontadas, aos berros.

— Vamos, digam logo.

Falavam todos ao mesmo tempo, aos pulos. Onde andava Antonio Jucá, onde estava escondido? E a moça? Ou já havia sido trucidada? Tenente Bezerra mandou, voz grossa, que fossem todos vasculhar a casa. Ele ficava interrogando os coiteiros.

Carlos Ramos tomou conta da cozinha, remexia a trempe, espalhava as cinzas. Ranzinzava: os últimos vestígios da donzela se espalhavam a um soprinho de nada. Franco escancarava um velho baú tosco, imaginando anáguas maculadas em ceroulas encardidas. João Alencar vistoriava as fiangas armadas, ventas enfiadas na imundície.

Um cururu inchou e fitou demoradamente Vasconcelos, que meteu a cabeça dentro do pote.

— Valha-me, minha Nossa Senhora da Palma!

Da sala e do quartinho correram os demais, armas enfiadas no oco do pote. Vasconcelos, arrepiado, paralisado, boca aberta, olhos arregalados, tinha um braço esticado para a frente, a mão espalmada, como a defender-se de um poderoso inimigo pronto a saltar-lhe ao pescoço.

Detrás de si, os demais, enfileirados, sem fala.

— Atirem.

E o pote se esbandalhou e a água foi se esparramando pelo chão pisado, devagar. Os invasores pulavam, como se a água fosse um monstro que os devorasse pelos pés, gritavam, pediam socorro, escorregavam, agarravam-se uns aos outros, amparavam-se nas paredes de taipa, que chiavam. Vasconcelos, desequilibrando-se e não encontrando mais apoio nos braços do Delegado, deslizou no rumo dos fundos, como se patinasse.

No canto, o cururu imenso se agigantava, olhava para os inimigos, corajoso.

— Atirem.

Uma saraivada de balas estourou o pobre animal.

Na sala, os velhinhos, assustados, tentavam despregar os olhos, levavam as mãos trementes aos ouvidos murchos, esticavam os pescoços ao léu.

Os de fora se aproximaram, atordoados, amedrontados com os próprios passos.

— Mataram?

Juntaram-se todos na sala. O Delegado enchia-se de novo de autoridade, contava, zangado, o caso do cururu, apontava para o sacristão todo sujo de barro.

— E não me venha o Seu Sombra com histórias de homem virado cururu.

Voltou-se para os donos da casa, apontou-lhes a arma, ameaçador.

— E contem logo a verdade, seus coiteiros de uma figa.

Padre Queiroz pedia calma, encorajava-se, rompendo o cerco.

— Deixem os velhos comigo, que estou mais acostumado a esses casos de confissão.

Abaixou-se e o grande crucifixo reluziu diante dos olhos apagados dos matutos. Baixinho, perguntou pelo pecador que havia raptado a moça. Não tivessem medo de falar. Estava ali como representante de Deus, para ajudar a justiça dos homens.

Nenhuma resposta. Só olhinhos perdidos entre as rugas. Só cachimbadas vagarosas.

— Padre, pergunte se são moucos.

O Vigário encostou a boca no ouvido mais próximo e gritou, silabando.

— Moça. Roubada.

O velho tentou arregalar os olhos, cachimbou, voltou-se para o outro, resmungou.

Os visitantes se aglomeraram ao seu redor. A voz fina, sumida, pausada pôs-se a contar a história do massacre de uns índios paiacus. Na era dos antigos. Um bando de soldados veio das bandas do mar e assaltou a aldeia. Só escaparam uma cunhã, por fugir, e outra, levada amarrada.

— Como é o nome dela, compadre?

Mymycá, que virou escrava e amante do Capitão.

Thaumaturgo levantou-se, chegou ao terreiro, chamou Padre Queiroz.

— Mande acabar logo essa história. Queremos saber é do bandido, padre.

O Vigário voltou e falou de novo ao ouvido do velho, que se calou, pitou o cachimbo, desacocorou-se devagar e saiu capengando até o fundo da casa. Seguiram-no todos.

No terreiro, apontou para o alto da serra. Do meio do verde destacava-se um retângulo branco.

— Os Jesuítas!

Alvoroçaram-se os caçadores, alegres, orientados. Enfim, sabiam onde estavam. O velhinho apontava e mexia os lábios ainda.

— A Gruta dos Morcegos.

O Prefeito, mão no ombro do ancião, sorria e fazia novas perguntas. Quer dizer que foram para lá? É um só ou é um bando? Andam armados como cangaceiros ou estão só na bandalhice? Levaram a moça ou a deixaram em alguma cabana? O velho apertava os olhos, apontava para o alto e falava numa gruta, perto dos Jesuítas.

07

O casarão crescia, se agigantava, se elevava acima do verde da serra, se expandia horizontalmente.

— Parece mesmo um castelo antigo.

A comitiva avançava compacta, arrasando as hortas, qual praga de lagartas. Os moradores se embasbacavam, paralisados no meio dos tomates, dos pimentões, das couves.

— Olhem Palma.

Lá de cima a cidade menor que um vilarejo, amontoado de casinhas, tira comprida ponteada de torres.

Maestro Permínio meteu o clarim na boca e assoprou uma nota viril. O Prefeito teve um arrepio e quase desabou barranco abaixo. Engasgou-se. Não era hora de mexer com aquilo.

— Vamos ao trabalho.

À frente, ia o Vigário, batina esfiapada e suja, o crucifixo refletindo a luz do sol nas paredes robustas da velha Escola Apostólica.

Na portaria, um jovem franzia a testa. A tropa se aproximava ligeira, chutando pedras, pisando as plantinhas.

Padre Queiroz, dirigindo-se ao porteiro parado, explicava que procuravam um criminoso, raptor de uma moça na cidade, escondido na Serra. Pararam diante do jovem, que tomava a porta. Tenente Bezerra aborreceu-se com o silêncio do porteiro, passou à frente do Padre.

— Não temos tempo a perder.

Estavam no cumprimento do dever, no combate ao crime, na defesa da sociedade. Além do mais, muito cansados. Varavam estes cafundós desde a madrugada. E avançou, levando de roldão o jesuíta. O resto da tropa formou fila e mar-

chou corredores a dentro. Pisava forte, chutava jarros, cutucava estátuas, abria portas, falava alto. Os ecos rodopiavam entre as paredes, medonhos. De todos os cantos surgiam jesuítas atarantados, como baratas corridas, que fugiam pelos corredores. De repente, não havia mais nenhum à vista dos invasores.

No final do corredor em que estavam um deles subia pela parede, escorregava, voltava, tentava abrir uma porta.

— Vamos pegar aquele.

E todos correram na direção do jesuíta.

— Pode ser o bandido.

Cercaram-no sob a ameaça das armas. O Delegado aberturou-o, furioso. O homem tremia, mudava de cor, gaguejava, pregado ao chão.

— Diga logo seu nome.

Salvou-o Thaumaturgo, depois de andar metido debaixo de um catre, em perseguição a um gato. Na escuridão, viu só as duas chamas dos olhos do bichano. Cutucou-o com o fuzil. O bicho escapuliu, correu, chegou à porta e saltou sobre o magote que cercava o jesuíta no corredor.

— Um gato voador.

O bando abaixou-se de uma vez e o gato desapareceu. O Prefeito, suado, saiu do quarto, brandindo o rifle.

— Pegaram?

Ao ver o religioso arriado, enfureceu-se mais ainda. Deixassem o loyola em paz, o criminoso era um sujeito corpulento, pardo, mal-encarado. Não estavam vendo que um bandido não ia ter aquelas feições? Explicaram que estavam só querendo saber se o reverendo conhecia o malfazejo.

— Conhece?

Liberado, o Padre permaneceu no chão, semidesmaiado.

Vasculhado o térreo, passaram aos outros andares e às outras alas. Só encontraram jesuítas nervosos que tudo negavam, balançando a cabeça tristemente. Nenhum sabia de nada. Sequer do rapto.

— Vamos agora para Caridade.

De novo no mato, seguia a tropa em fila, puxada por Padre Queiroz. A banda se arriscou a tocar, sem mais contra-ordens de Thaumaturgo.

Caminho estreito e repleto de formigas pretas. Aos poucos, a subida se tornava quase vertical. Suados, sedentos, sem fôlego, se maldiziam e anunciavam desmaios. Os da banda lamentavam carregar os instrumentos. Paravam de instante a instante para aspirar o ventinho frio que corria e escutar os passarinhos nos galhos.

— Lá está Caridade.

No alto, aparecia a velha casa de retiros. Aligeiraram-se, rindo. A subida desverticalizava-se.

— Todos de arma na mão.

Lá de cima, voltaram-se para o lado de Palma. Nem parecia uma cidade. Apenas um montículo de tijolos alinhados. A Escola Apostólica, uma casa como outra qualquer. Do fundo do abismo que se projetava diante do casarão se alevantavam babaçus gigantescas, cujos ápices iam até à altura da amurada a separar o abismo da casa.

Refeitos da escalada, passaram diante da capela e foram ter aos fundos. Um menino brincava entre as galinhas, que se espantaram com a chegada dos caçadores.

— Cadê seu pai?

O moleque assustou-se, ficou um bom tempo vidrado nos homens, embasbacado. Depois correu, chorando, e entrou por uma porta. À janela surgiu meio corpo de mulher.

— Queremos água.

A tropa acercava-se da casa, espantava as galinhas que ciscavam no terreiro.

A mulher trouxe uma quartinha e um caneco de alumínio amassado.

— Tem algum de comer aí, dona?

A senhora, muda, apontou para a imensidão de mangueiras, laranjeiras, jaqueiras e mamoeiros ao longo do terreiro. Tenente Bezerra correu a derrubar uma jaca. Puxou a peixeira e de um golpe esfolou-a. Uma chuva de mãos caiu sobre o ventre fendido da fruta. Sombra engasgou-se com um caroço. Metia a mão na goela, suava, enchia os olhos de lágrimas. Os outros nem viam o desgraçado.

— Socorro.

O Delegado sapecou-lhe um murro nas costas e o caroço gosmento saltou longe.

João Alencar escalou uma laranjeira e lá de cima jogava bagaços. Cada um tomou conta de uma árvore. O chão se enchia de cascas e caroços. Os porcos fuçavam, grunhiam, brigavam.

— E o bandido?

À lembrança, os galhos das fruteiras se paralisaram. Ouvia-se apenas o roncar dos porcos.

— Dona, o bandido está por aí?

Não havia bandido nenhum pelas redondezas. Aquilo era terra abençoada, graças a Deus.

Os comilões voltaram a roer nos galhos. Zoada irritante de praga de lagartas.

— Vamos, pessoal.

Thaumaturgo escorregou redondo pelo tronco de uma mangueira. Caiu montado num porco, para, mais adiante, esborrachar-se na lama.

Saltaram um a um, dando gargalhadas, lambuzados, preguentos. Pediram água à mulher. O menino olhava-os, espantado.

— Que tal um porquinho desses?

Sem esperar por resposta da mulher espavorida, Carlos Ramos agarrou um porco pela perna e o sangrou incontinenti. Esquartejado, o bicho foi assado às pressas no terreiro.

— Está bom.

O sangue jorrava pelas carnes mal lavadas. Devoraram-no quase cru e cheio de pêlos.

Saciados, recostaram-se à parede, sonolentos. Thaumaturgo e Padre Queiroz roncavam, as barrigas estufadas. Vasconcelos sugeriu ficarem arranchados ali mesmo, pois já pardejava. Sombra arregalou a boca, trepou à janela e, no sistema de comício, pôs-se a bradar que nem era bom pensar naquilo. Enquanto dormiam, o raptor continuava o seu crime nefando, talvez homiziado na gruta, como disse o velhinho da tapera. O dever do Regimento era capturar o malfeitor. Não descansariam enquanto não dessem por realizada a tarefa heróica. Os que dormiam foram acordando devagar e rindo. A banda saiu de dobrado. As galinhas cacarejavam, corriam para os poleiros. Os porcos roncavam e fugiam para o interior do mato. A mulher chamou o filho e trancou as portas.

08

O séquito seguia silencioso. Pisava macio, escutava o chiar das formigas nos gravetos e folhas do chão, espiava o vento que se despejava no abismo. Lá em baixo, o matagal perdido na escuridão. Em cima, a parede subia, pregada de mato. No caminho estreito, degrau derradeiro para as profundas, galhos quebrados — armadilhas naturais para puxar pelo pé o passante descuidado. Adiante, as grandes pedras amontoadas da gruta.

Padre Queiroz de novo à frente da procissão, crucifixo erguido para se escudar dos capetas soltos nas brenhas.

— O Pai-Nosso em silêncio.

Diante das pedras pararam e se ajuntaram, abismados. A boca negra da gruta uivava no alto. Tudo uma só penumbra friorenta. Aves noturnas agouravam em derredor, invisíveis.

— Apontar as armas.

Sombra, armado de cipó, açoitou o tempo, rodopiou e se abraçou à pedra pregada ao chão. O resto da tropa punha-se em tocaia, às costas de Thaumaturgo, que apontava o rifle para a entrada da gruta.

— Saia da frente, bandido.

Dado o sinal, desataram a atirar e a gritar porcarias e ameaças.

— Jucá de merda.

As balas batiam nas pedras do alto e voltavam perdidas para o abismo. Os outros, sem armas de fogo, se esgoelavam, escavacavam o chão e feriam a pedra com seus instrumentos.

A tesoura de Luiz Caracas perdeu as pontas, a navalha de José Sampaio não cortava mais nem urtiga, a faquinha de João Alencar degolava formigas, o facão de Carlos Ramos tirava faíscas do monólito. O Cristo do crucifixo de Padre Queiroz só faltava pular da cruz.

— Vamos buscar o covarde.

Parou tudo: a artilharia, a gritaria, a escavacação. Só Sombra continuava aos rodopios com seu cipó, em tempo de desequilibrar-se e voar abismo abaixo.

— Pare com isso, homem.

Como continuasse a cipoar o vento, cego e mouco, o Delegado tomou-lhe a arma e derrubou-o no chão, ao pé da pedra. Ao voltar a si, os olhos parados nas órbitas, os lábios a tremer, suava, branco de fazer dó.

— Suba, para melhorar.

Tentou o primeiro passo na pedra lisa. Escorregou, arranhou-se nos cotovelos. Jacó passou à dianteira e, quase de um salto, chegou ao topo. Subiam um a um, os mais moles ajudados pelos primeiros.

— Vamos invadir sua loca, bandido!

Para alcançar a boca da gruta, deviam passar entre outras duas enormes pedras e arrastar-se sobre uma delas.

— Quem vai na frente?

Calados, ficaram olhando para as próprias barrigas, que cresciam desmesuradamente.

— Os magros.

A pança do Prefeito inchou. A de Carlos Ramos havia nascido na Caridade. O crucifixo do Vigário despontou sob a batina, magicamente. Maestro Permínio fez-se todo bochechas infladas. Sombra procurava o cipó, atarantado.

Tenente Bezerra tomou o comando da operação, mandou os soldados rastejar.

— Os civis sigam os militares, conforme manda o regulamento da guerra.

Lima deitou-se, meteu a cabeça entre as pernas e saiu a arrastar-se sobre a poeira negra.

— Depressa!

Novamente no chão, Thaumaturgo, Padre Queiroz, Carlos Ramos e Maestro Permínio alisavam as pancas.

Diante da gruta, Lima tentava erguer-se mas sobre si havia outra pedra. Primeiro encolheu as pernas, ficou de cócoras e, mãos ainda na pedra de baixo, procurava levantar-se. Deu com as costas e a cabeça no teto duro.

— Avistou o cabra?

Meteu a cabeça dentro do buraco, um morcego partiu do interior da gruta e passou rente à sua orelha. Um *ui* espantoso despencou do alto da pedra, como um rebolo.

Honorato, que já se arrastava entre as pedras, parou. O rifle caiu das mãos do Prefeito. O Vigário ergueu o crucifixo diante dos olhos, que se fecharam. Maestro Permínio secou. Carlos Ramos comprimiu a barriga, numa careta de dor. Os de cima da pedra se amontoaram uns sobre os outros, encolhidos.

À beira do abismo, Lima abria os olhos sonolentos. No alto, as estrelas começavam a piscar. Invisíveis, os grilos cantavam. Ao redor, tudo era só pedra bruta. De repente, o soldado saltou sobre o crucifixo e pôs-se a tremer e a falar de uma multidão de bichos que dançavam bêbados dentro da noite mais escura do mundo.

Antes de todos, Sombra pulou. Olhos esbugalhados, cabelos de espeta-caju, boca escangalhada, babava, apontava para a gruta.

— Estamos cercados.

A caverna repleta de índios. Iam ser comidos vivos.

O primeiro a correr foi Thaumaturgo. Deixou o fuzil no chão e voou pela beira do abismo.

09 A carreira desenfreada do regimento virou história do arco-da-velha desde o seu primeiro momento. Narrou o capítulo inicial um cabrinha barrigudo, franzino, andado aí pela casa dos doze anos de idade, morador nas terras dos Jesuítas. Voltava para casa, capiongo, baladeira dependurada no pescoço. Ouviu para os lados da Gruta um estrupício como o de cavalos desembestados. Escondeu-se no meio de umas carnaúbas e assuntou. Partiam na sua direção. Espiou no rumo de onde vinha a zoada e quando viu foi aquele bicho danado de ligeiro a correr sobre um bocadão de patas e carregar em cima do lombo outra porção de cabeças, sistema de um embuá-gigante. Mais tarde lembrou-se das histórias contadas por sua avó e reconheceu o engano: a marmota tinha pauta com dragão e não com piolho-de-cobra sem tamanho. Espantava os bichos da noite e derrubava o mato por onde passava.

Diante do pai afobado, relho à mão, não vou criar filho lambanceiro, jurava pela gota-serena ser tudo verdade. Não estava tresvariando.

— Mulher, esse menino comeu manga com febre?

Quando os Jesuítas contaram o segundo capítulo, passaram a dar ouvidos ao bichinho.

Descreveram os padres terem ouvido ao longe uma espécie de trovoada ou de avalanche, embora não fosse tempo de chuva grossa. Descrentes de superstições, em nenhum momento pensaram em assombração mas unicamente em rebuliço da natureza, tal como tremor de terra, coisa já acontecida na Serra em tempos passados. Alertados, correram a acender

todas as lâmpadas, para facilitar uma eventual fuga, em caso de desabamento do velho prédio. Benziam-se, rezavam, pediam a proteção de todos os santos do céu, trêmulos de pavor.

— Vamos sair daqui enquanto é tempo.

Nisso, um deles, postado a uma janela, gritou, alegre. Gente descia a serra. Ajuntaram-se todos ao que gritava e avistaram aquela fileira de homens na carreira. Pareceu-lhes irem uns no encalço de outros, o primeiro perseguido pelo segundo, este pelo terceiro, todos perseguidos e perseguidores. Ia à frente o mesmo que à tardinha andou em desavença com um gato dentro da Escola, afirmava um jovem religioso. Outro reconheceu logo na figura voadora que pisava os calcanhares do Prefeito seu bruto interrogador.

Passado o susto, caíram em gargalhadas mal contidas, sem atinar com o motivo daquela estripulia. Na certa fugiam de alguma onça. Para uns aqueles bárbaros não eram caçadores de bandidos coisa nenhuma. Magote de malucos fugidos de algum asilo. Quanto a serem isto ou aquilo estiveram quase de acordo. Briga feia surgiu ao tentarem descrever as figuras que lhes deixaram os corredores. Tudo começou quando um dos sacerdotes utilizou uma imagem confusa para expressar sua visão. Para eles os estranhos iam tão ligeiros que alguns pareciam percorrer o mesmo espaço ao mesmo tempo, cabeças, troncos e membros confundidos, como se fossem transparentes. Daí ser impossível determinar o número exato deles.

Acusaram o narrador de empregar a linguagem dos hereges. Depois, de pregar as idéias dos feiticeiros. Acalmados por um ex-professor de aritmética, voltaram-se para a segunda questão levantada pelo que se dizia incapacitado de afirmar a quantidade dos corredores. Caíram nos cálculos, lápis e papel à mão.

— Contei vinte, juro.

Vinha outro e dizia serem dezessete. Os palpites iam de vinte e quatro a dois. Um pilheriava e afirmava ter visto duzentos e dezenove dedos. O último a se manifestar disse ter visto apenas um animal monstruoso a correr ou flutuar, não sabia precisar.

— Então você concorda com a transparência das pessoas?

Não, não tinha visto uma multidão de homens mas um único ser, espécie de polvo dos matos. Algum ente da mitologia cariri.

Inicialmente admoestado pelo superior para não se deixar levar pela fantasia, o clérigo terminou ameaçado de excomunhão por também difundir heresias.

A discussão varou a noite e de madrugada saíram pela estrada e seguiram os rastros deixados pelo suposto monstro. Além das marcas dos pés no chão, encontraram uma variedade de armas, molambos, clarins, trombones, calçados, gotas de sangue, dentaduras, cabelos, afora pedaços de coisas não identificadas.

Moradores da beira do caminho entre a Escola e Palma também contavam episódios dessa história. Um deles jantava quando ouviu um tropel na estrada. Assuntou e concluiu não ser bralha, nem galope, nem trote. Nenhuma andadura de animal montado nem desmontado. Parecia passo de lobisomem. Mas não era sexta-feira. Pegou a lamparina e saiu ao terreiro. Nesse instante o homem ou bicho desequilibrou-se e foi de ventas ao chão. O matuto correu na intenção de adjutorar o vivente. Mas eis o coitado se levantou e desapareceu na escuridão.

— O que foi, Raimundo?

Debaixo do jirau, o homem contou à mulher que acabava de ter uma visagem.

— Se o esprito não me engana, era um padre de batina esmolambada ou quando muito uma mulher de luto.

A moradora fez o pelo-sinal três vezes seguidas, enquanto o homem voltava a meter a mão na cuia e a fazer conjecturas.

— Será o esprito do Padre Redondo?

Porém quem tinha autoridade para contar a história tal como ela havia acontecido eram os seus protagonistas. Apesar disso, mesmo nas horas e dias seguintes muitos omitiram e até negaram alguns episódios. Assim, Tenente Bezerra, que uma semana depois pediu transferência para uma cidadezinha do Maranhão e nunca mais deu a cor de si, relembrava: ao

parar para descansar, nas proximidades do Poço da Moça, viu passar João Alencar montado num bode preto. Este, que talhou os punhos com uma faca de cortar couro, uns cinco meses depois, babava-se de raiva quando lhe perguntavam se tal havia sucedido. Amofinava-se aos poucos, amoitado numa rede, malacafento, resmunguento, a sapataria entregue às moscas. Tinha, porém, seu pedaço de história a contar também: o sacristão carregou no tuntum o Vigário durante mais de meia hora.

Padre Queiroz regressou à cidade lá pela meia-noite. E até o momento de deixar a paróquia em completo abandono, três dias depois, sem sequer avisar aos seus paroquianos, não deu uma palavra, nem mesmo a Maria da Cunha, que não o largava nem por um minuto.

— Foi ser garimpeiro em Goiás.

O sacristão entregou-se à cachaça. Bebia no meio da rua com os bêbados mais conhecidos de Palma. Erguia o copo com as duas mãos, como se fosse um cálice de vinho, e misturava o latim decorado da missa com o mais baixo calão falado no cabaré de Ana Souto. Nos seus últimos dias de delírio passava o tempo todo a correr nu ao redor da Matriz, fugindo das aranhas gigantescas em que se transformou o Vigário. Até que um dia o encontraram coberto de teias de aranha no patamar da igreja, a boca escancarada, num riso sinistro.

Lima dizia ter visto Luiz Caracas passar à altura das mangueiras, pendurado nas pernas de um urubu, a pedir socorro. Não podia ver uma dessas aves, corria no seu encalço, jogava pedras e gritava, como se o alfaiate estivesse sendo seqüestrado.

— Calma, Seu Luiz, eu vou lhe salvar.

Mais um que desapareceu como por encanto, para nunca mais se ter dele notícias em Palma.

Corriam muitas e variadas histórias sem pé nem cabeça. De tudo resultaram discussões, pequenas brigas e até verdadeiras guerras entre famílias.

Numa delas morreram Cabo Jacó, então como delegado interino, e Franco Abreu, já rompido com Iracema. Dizia o estudante, fazendo mangofa, que o militar só conseguiu chegar à cidade porque se utilizou de umas pernas-de-pau. A mo-

lecada passou então a chamar o Cabo de varapau, galalau, perna de légua-e-meia e outros tantos apelidos. Sabedor da origem do boato, foi tomar satisfações com o filho de Luiz Abreu. Conversa vai, conversa vem, amarraram as pontas das camisas de um na do outro e se esfaquearam até à morte.

Maestro Permínio esticou as canelas com pouco tempo. Nada contribuiu para a história da carreira. Chegou à cidade na madrugada seguinte, esbaforido e esfarrapado, foi direto a sua casa, onde encontrou a mulher e os filhos derretidos em choro. Perguntado sobre seu estado, nada disse. E nunca mais conseguiu falar, exceto no último dia. Deu um berro estupendo, retorceu-se na rede, grelou os olhos e finou-se. A palavra berrada foi *pretoré,* que uns estudiosos em visita a Palma disseram significar mentiroso na língua dos extintos índios cariris.

Tal como o Vigário, Carlos Ramos também nada contou. Nem apareceu como personagem de nenhum episódio narrado. Ao regressar da atribulada andança, igualmente maltrapilho, ferido e morto de cansaço, tomou banho e foi dormir. De madrugada acordou com os novos incidentes e dirigiu-se à casa de Thaumaturgo, onde esperou que o dia raiasse. De lá mesmo foi embora, sem uma palavra à família e aos amigos.

— Foi para o Acre.

O capítulo mais delirante mostrava o aparecimento de Gorjala. O povo de Palma acreditava nesse trecho da história porque contado por quase todos os integrantes do Batalhão e não desmentido por nenhum. Mas o povo da Serra, sem se falar nos Jesuítas, ria disso. Não podia ter acontecido, porque por lá nunca apareceram gigantes dessa natureza. Quando muito, caiporas, lobisomens e outras visagens de menor porte.

Quem primeiro o avistou foi Tenente Bezerra e disso se pabulava. Ocorreu depois do caso do bode de João Alencar, quando novamente tomou a dianteira de todos. Não dizia se ao passar de novo pelo sapateiro este ainda ia montado. O certo é que viu aquele homão de cócoras, no meio do caminho. Parou, recuou, fez estacar um a um os que vinham na carreira. A Luiz Caracas teve que puxar pelo pé, senão o al-

faiate ia virar assado nas mãos do gigante. Tal detalhe, assim narrado, enchia Lima de satisfação.

— Estão vendo como não minto!?

A Cabo Jacó derrubou com uma rasteira, para evitar que o coitado fosse servir de repasto ao comilão. E assim, empregando a força bruta contra os companheiros desavisados, impediu uma carnificina. Pois o bicho devorou um boi, misturado com baião-de-dois, enquanto os guerreiros pastoravam de longe, sem coragem de seguir caminho.

— Vamos entrar no mato.

Mas estava escuro que nem breu e podiam se perder ou cair em algum barranco. Tinham que engabelar o gigante e escapar de mais aquele perigo. Enquanto cochichavam, o homão enchia a pança, metendo a mão no tachão de arroz-com-feijão e roendo os ossos do boi. Assim que levasse à boca o último bocado, deviam correr, passando às suas costas. Não ia se engasgar nem jogar fora a comida.

Dito e feito. Ao pressenti-los, porém, Gorjala ficou brabo, estendeu a mão livre e a coisa ficou preta para o lado dos batorés. Por sorte não foram esmigalhados. Em seguida, levantou-se e arremessou a cabeça do boi, que passou zoando sobre os fugitivos. Depois deu uma passada e o dedão do pé caiu pertinho de João Alencar, que ia na rabada.

— Escapou fedendo.

Deu outra mas já não havia perigo.

Lá na frente pararam e não viram mais nem sinal de Gorjala.

— Um arigó!

10

Soaram oito badaladas no relógio da Matriz. Na calçada da ruazinha que continuava o caminho do Olho D'Água uma e outra pessoa sentadas em cadeiras de balanço. Aqui e ali, meninos brincavam de manja no meio do calçamento de pedra bruta, corriam e gritavam. Sombra apareceu trambecando como um cachaceiro, perseguido por viralatas barulhentos. Tudo escuro no quarteirão da Delegacia. Não encontrou vivalma até chegar ao oitão do Sobrado do Doutor João Forte, a não ser um jumento que comia capim. Desceu pela XV de Novembro iluminada e mais movimentada. Ia cabano, vagaroso, nem parecia o Sombra espigaitado de todos os dias. Defronte da casa de Luiz Abreu, olhou de viés a sala vazia. De dentro vinha a fala afobada do comerciante. Seguiu rua abaixo, trôpego. Dobrou a esquina da Pharmacia Brazil e rumou na direção do Café Progresso. Uma figura estranha, molambuda, suja, irreconhecível.

— Será o Zé do Cachimbo?

No batente da primeira porta do café arriou, sentou-se pesadamente.

— Olhem só quem é!

Curiosos acorreram em seu socorro. Pediram água, que logo trouxeram. E ajudaram Sombra a bebê-la, prestativos. Chegaram outros, perguntando se estava ferido.

— Morreu?

Melhorou, agradeceu e fez um esforço danado para se erguer.

— Não é nada, minha gente.

Aconselharam-no a permanecer no batente. Descansasse, ficasse quieto. Deram-lhe um conhaque. Era bom para o nervoso e a fadiga. Criava cor, se ajeitava, perdia a moleza. Carregaram-no para dentro do café. Puxaram uma cadeira, apressados.

— Arredem, o homem está agoniado.

Mensageiros se encarregaram de espalhar a notícia de sua chegada. Mais com pouco o café se enchia de gente. Queriam saber logo notícias dos demais componentes do Regimento, do resultado da caçada. Todo mundo fazia perguntas, no maior alvoroço.

— Pegaram o bandido?

Sombra apenas fazia gestos, indicando estar muito cansado e ainda não poder falar direito. O povo começava a se impacientar e a fazer caçoadas.

— Deixe de paleio, homem.

Chegava gente de toda parte, até quem nunca parava para tomar um cafezinho. Ana Souto, que mal aparecia em dia de feira, estava lá com todo o seu pessoal, todas muito pintadas e perfumadas. Tiravam prosa com um e com outro, riam, pra lá e pra cá.

— Trouxeram a moça?

Perdigão tresvariava, perguntava se Doutor João Forte era prefeito de novo.

Lutécio Freitas se misturava aos fumantes e às mulheres decotadas, queria saber das novidades mundanas.

Enquanto Sombra permanecia sentado e calado, a multidão falava em desgraça, tinha havido um fuzuê medonho, Sombra tinha sido o único a cair no bredo. Bem diziam que aquilo não ia dar certo, era melhor mexer em casa de marimbondo, e isso mais aquilo.

De repente, a multidão se alvoroçou, houve empurrões, gritos, nomes feios, todos querendo chegar mais perto de Sombra.

— Ele está contando.

O começo da história ninguém chegou a ouvir, tal a zoada e a fraqueza da voz do narrador. Logo, porém, todos silenciaram e se acomodaram em seus lugares, ao mesmo tempo em que Sombra alteava a voz, fortalecido pelo conhaque e

pelo cheiro do povo. Aos ouvidos da multidão chegava o capítulo de quando os perseguidores inventaram de se meter numa caverna, enquanto o Batalhão do lado de fora mandava bala. Gastavam munição à-toa – Jucá e seu bando estavam longe, sumidos dentro do buraco, feito tatus. Então Sombra passou ao comando da tropa e invadiu a loca. Uma escuridão de se meter dedo no olho. Um silêncio de se ouvir até as batidas do coração. E nem notícia dos encapetados. Parecia que haviam atravessado a terra no rumo do Japão. De repente, uma chuva de pedras e flechas, acompanhada de uma gritaria dos infernos, caiu sobre os perseguidores do raptor. Grudaram-se todos às paredes de pedra, acostumaram as vistas à escuridão e distinguiram vultos.

Mais tarde, quando já viam tão bem como se estivessem debaixo do sol, notaram que os agressores estavam nus, pintados de jenipapo, e usavam arcos e flechas. O combate durou um bom tempo, sem baixas nem de um lado nem do outro. Houve uma trégua, só quebrada com o surgimento de uma enorme burra preta, que partiu para cima dos pracianos, dando patadas de fazer faísca nas pedras. Bicho igual àquele não existia em cima da terra. As balas batiam no couro da danada e deslizavam. A salvação foi o chiqueirador de Sombra. Com duas ou três lamboradas no focinho, saiu se torcendo, relinchando e escapuliu.

Em seu lugar apareceu um casal de bicho de pena, um galo e uma galinha do tope de uma ema cada um. O macho tinha uma crista que dava para fazer um almoço. O bicão parecia uma tesoura de aparar benjamim. Acertou uma bicorada no chão que abriu um buraco do tamanho de uma cacimba. Até minou água. Cada esporão assim como um facão. Chegou a rachar pedras, como se fosse faca cortando queijo. Dava cada cucurico de fazer a terra estremecer.

A diaba da galinha, uma pedrês bonitona, não ficava para trás. Ajudava o marido na anarquia, cacarejava feito uma doida, batia as asas para provocar ventania, queria bicar os olhos dos infelizes. Porém estes se batiam como pracinhas, sem ligar para regulamentos de guerra, dente por dente, olho por olho. José Sampaio tacava a tesoura e voava pena para todos os lados. O Batalhão inteiro empenhado na briga.

Quando o casal de galiformes viu que não podia mesmo com a força humana apelou para a covardia e saiu com presepada de moleque. A pedrês abriu as pernas, se abaixou e pôs um ovão do tamanho de uma jaca, que rolou, rolou e foi se quebrar aos pés dos guerreiros. E pelo chão se espalhou aquela baba branca misturada a uma pasta amarela. Os pracianos tentavam não se sujar, pulavam, recuavam, mas em vão, porque às suas costas se erguiam as rochas. Corriam e terminavam escorregando e se esborrachando no chão tornado liso, como matutos pisando em mosaico encerado. O Prefeito foi o primeiro a ficar todo lambuzado de clara e gema, pintado aqui de branco, ali de amarelo. Foi ainda o último a deixar de patinar no chão, na tentativa de se levantar e buscar refúgio detrás das pedras. Assim mesmo, sequer saiu ferido das flechas, que batiam em seu corpo e deslizavam. O tiro saía pela culatra — o ovo servia de couraça. E Thaumaturgo de cobaia. Pois logo os demais caíram de propósito na lama colorida, feito porcos. A inhaca que impregnou seus corpos, porém, era de matar gambá de vergonha.

Descoberto o estratagema do inimigo, mandaram os habitantes da caverna três jumentos partir para cima dos invasores, então igualmente pintados, embora não de jenipapo. Os tais asnos eram umas feras de danados, semelhavam a burra preta do começo da peleja. Davam patadas de arrancar xaboque das pedras, pulavam feito macacos da moléstia.

A salvação do Regimento foi ainda o ovo da galinha, que prestou também para dar umas quedas nos jumentos. Aproveitaram-se da situação os perseguidores de Antonio Jucá — montaram nos bichos, cinco em cada um, e galoparam para os fundos da gruta, em perseguição aos selvagens, que correram entupigaitados.

Não durou muito a cavalgada porque os fugitivos se encantaram enquanto o diabo esfregava o olho. Difícil foi sofrear os jumentos. Não queriam mais parar, embarafustavam-se pelos corredores. E só pararam porque deram com os focinhos numa pedra, em região mais escura do que a escuridão.

Os cavaleiros se desapearam e pegaram olhar para ver se descobriam o caminho de volta. Saíram tateando e mais com pouco enxergaram o buraco pardo da entrada. De índio nem

sinal. Aquele silêncio danado. Aquela calma besta. Sombra pôs-se a fazer pagode, dizia que aquilo era brincadeira de menina feme. Porém mal fechou a boca, lá apareceram dois gigantes de barba branca. Primeiro deram uma risada de estrondar. Depois partiram para cima dos pererecas, que se meteram entre as pernonas. Franco teve então a idéia de enfiar uma agulha de costurar saco no tendão de Aquiles de um deles. Foi tiro e queda. O bichão deu um berro tremendo e se envergou. O outro, enquanto tentava ajudar o companheiro, levou uns dez tiros nos olhos e saiu gritando, feito um doido, a cara toda vermelha, dizendo ai meus olhos, ai meus olhos.

Os heróicos caçadores de Jucá ficaram de molho um tempão. Riam da presepada, sentados em cima do gigante morto. Quando menos esperavam, viram um cururuzão que vinha pulando no rumo deles. E a tropa, em tempo de causar um desmantelo maior, empurrava a parede de pedra com as costas. Vendo que estavam encantoados, sem ter para onde fugir, o sapo parou, inchou, parecia que ia estourar, arregalou os olhos e deu uma mijada que inundou tudo. Os homens ficaram nadando, até que conseguiram subir a umas pedras. Quando cuidaram, o cururu se debatia na lama. O aguaceiro tinha descido para o interior da gruta. Como é, então, que iam pular da pedra, o chão lá embaixo? Porém o inimigo principal não se encontrava na altura. Decidiram cuidar logo do animal, que podia até provocar um dilúvio. Sendo bicho de se dar com água, ia até achar graça daquilo. Mas antes que preparasse outra mijada, os pracianos sapecaram bala no couro do desgraçado, que estourou de uma vez. Foi pedaço de cururu para tudo quanto era lado. Uma catinga espritada se espalhou pela caverna.

Porém pode não ter saído do sapo. E pode ter sido também uma mistura de duas catingas, pois mal as balas partiram lá apareceu uma onça. Daquele tamanho só nas lorotas do povo antigo. Um despotismo de onça. A desgraça dela, no entanto, foi ver carne em demasia. Os tiros dados no sapo ecoavam e já os palmenses varavam o couro da pintada, que deu um rugido de estrondar na Serra toda. Morta ou não, pularam de uma vez sobre a bicha, que lhes amorteceu a queda.

Sem perda de tempo, a pedido de João Alencar, tiraram o couro precioso, que dava para fazer sapatos para toda Palma. O serviço ficou pela metade porque apareceu um porcão preto, aos roncos, e levou tudo de roldão. Mas, como os pracianos se achavam de sangue quente, foi fácil derrubá-lo. Em seguida, o sangraram e se puseram a esquartejá-lo. Diziam tratar-se de um porco encantado que escapuliu do chiqueiro dos Jesuítas e se agigantou pelo convívio com os outros monstros da gruta. Mas os da criação dos padres não chegavam a dois metros de altura. E a janta não passou de desejo.

De água na boca, tiveram que dar combate a uma praga de formigas pretas que surgiam das locas atraídas pelo sangueirão que ensopava o chão. Fossem formigas de roça, os combatentes tinham se empanzinado com carne de porco. O diabo é que pareciam preás. O Batalhão inteiro suou para dar fim ao formigueiro, que valia por um exército. Era facãozada de fazer cabeça rolar. E carne para encher a pança de mil gulosos de paçoca.

Acabada a brincadeira dos bichos, voltaram os donos da gruta e a guerra de verdade começou. À frente vinha Antonio Jucá, um cabra mal-encarado, xabouqueirão, topetudo. Os outros todos do mesmo naipe. Umas cobras de chifres. Mandavam flechadas de lá e os palmenses respondiam com bala.

— Quem morreu dos nossos?

Sombra não notava a presença do povo, nem lhe dava ouvidos. Continuava discursando, os olhos faiscando, a voz esquisita, contando detalhes de uma carnificina. A multidão pôs-se então a gritar, exigia o fim da história: quem havia morrido, quem havia saído ferido, quem havia escapado . . . O orador, ameaçado, despertou e interrompeu a epopéia para dizer que, em dado momento da batalha, se viu cercado por um magote de selvagens irados e por um tris escapuliu e não teve mais notícias dos companheiros.

— Covarde!

De repente, como se estivesse surdo às ameaças e aos insultos, Sombra voltou ao princípio da história. A multidão se calou, embasbacada. O homem não dava explicações para sua atitude covarde e ainda tinha a petulância de começar tudo de novo — aquela história para boi dormir.

— Parece que ficou zuruó.

Mais de nove horas da noite e Sombra trepado à mesa, contando de novo a história. O povo começava a ir embora, atordoado, cochichando.

— Aqui pra nós, mas parece que ele não está girando bem, não.

11

A história fabulosa da guerra subterrânea foi tida logo como produto de tresvario de Sombra. Segundo a estimativa feita pelo Dr. Osvaldo de Menezes, contaram-na seis vezes seguidas, só naquela primeira noite. O médico fazia o diagnóstico da doença mental que tinha se abatido sobre Sombra, citava Freud a torto e a direito, manuseava a patologia ao seu bel-prazer, fazia uma salada de termos que iam de abulia a paranóia. Depois, à medida que desapareceram alguns personagens, a história adquiriu foros de verdade incontestável, o povo cada vez dava mais crença a Sombra, apesar de sua visível alienação. Assim, ao desaparecer o primeiro, morto em combate, segundo a história, o povo passou a dizer que quem apareceu foi sua alma. Tal idéia recebeu, de pronto, o repúdio da mulher do desaparecido. Possessa, saía às ruas para esculhambar o povo por se deixar levar pelas maluquices de Sombra.

Mais tarde, com o desaparecimento de Padre Queiroz, de Tenente Bezerra e de Lima, a mulher do açougueiro se juntou ao resto da cidade na crença em Sombra.

— Homem que não mente está aí.

E Sombra continuava de tramela solta, falando à-toa, repetindo a história dia e noite.

Como explicar, porém, que uma alma se suicide, outra fique muda e duas mais se esfaqueiem no meio da rua? Para Sombra não havia explicação a dar. Se lhe faziam tais perguntas, respondia com a ladainha de sempre: então os fugitivos inventaram de se meter numa caverna . . .

O médico voltava a ser consultado, cheio de sabedoria,

para cima e para baixo com uma vida de Sigmund Freud debaixo do sovaco. O povo queria saber o que induz uma alma ao suicídio. Dr. Osvaldo socava os óculos na cara, fungava, abria a vida do mestre e sapecava psicanálise de pé de pote nos ouvidos do povo embasbacado. Inventava teorias escalafobéticas para falar do suicídio das almas.

Palma se enchia de curiosos. Queriam ver de perto a comunidade inteira que, de uma hora para outra, havia enlouquecido, segundo espalhavam pelo mundo jornais escandalosos. Revistas do Rio e de São Paulo e até do estrangeiro publicavam extensas e ilustradas reportagens sobre a loucura coletiva que tomou conta da cidade. Elevaram Sombra à categoria de apóstolo de uma horrorosa seita, comparado a Antonio Ferreira, Conselheiro, Padre Cícero e Beato Lourenço. Colocaram no mesmo nível Palma, Pedra Bonita, Canudos, Juazeiro e Caldeirão.

Quiseram saber da boca de Sombra o caso do gigante Gorjala. Mas disso ele nunca falou, sempre fiel ao texto original de sua história. Decerto, gigante de tamanho porte não cabia dentro da gruta. Perguntado sobre a questão, desatava a contar tintim por tintim o que todos já sabiam de cor e salteado.

Quando Cabo Jacó e Franco Abreu se mataram, a cidade inteira se voltou contra Sombra. Acusado de ser o causador desta e de outras desgraças, tornou-se herege, pior do que Lutécio e todos os bodes do mundo, por ter expulsado o Vigário da cidade; inimigo da música, por ter emudecido para sempre Maestro Permínio; desordeiro, por ter destruído a força pública. Diziam cobras e lagartos daquele que ajudou muito vereador a ser prefeito, muito prefeito a ser deputado. Salvou-o do linchamento o Dr. Osvaldo de Menezes, que o internou no Asilo de Parangaba.

Na mesma época, foi nomeado um interventor para a cidade, cujo primeiro ato foi proibir que se pronunciassem certas palavras, como Sombra, guerra, batalhão, regimento, donzela, rapto, gruta, monstro, todas, enfim, que relembrassem o passado.

O povo, por muito tempo, viveu em paz e esquecido da língua.

12

A barra do dia ainda não tinha clareado e já uma multidão se aglomerava entre as praças do Rosário e do Correio. Parecia dia de feira, a cidade se enchia de gente vinda dos arrabaldes e dos sítios dos arredores. No miolo estavam os habitantes das ruas centrais e informavam aos que chegavam detalhes do acontecido. E todos queriam, aos empurrões, se aproximar mais da casa do morto, onde a viúva e os filhos davam berros escandalosos.

Corria de boca em boca a história seguinte: lá pelas três da madrugada, quando os galos ainda nem sonhavam cantar, todas as luzes da cidade se apagaram. Fosse só por isso, Palma ainda estava embiocada nas redes, com exceção de Xavier, Sombra e Perdigão. Informava o guarda-noturno: dirigia-se à Praça da Matriz, passando pela calçada do sobrado de Dr. João Forte, e então tudo escureceu. Sombra recontava a majestosa luta entre palmenses e monstros, imune às perguntas feitas pelas mulheres estarrecidas. Iracema, por exemplo, queria saber se Franco também escorregou no ovo. O terceiro dizia estar sentado num banco da Praça do Rosário, pensando na demência de Sombra, no momento em que a treva caiu sobre Palma.

Em seguida ouviu-se um tropel de cavalos vindo dos lados do Olho D'Água. Pisou a Rua da Delegacia, cruzou a Praça do Rosário e seguiu pela 7 de Setembro.

Porém havia contradição em um trecho da história: para os policiais esse tropel era provocado por uma cavalaria composta de uns vinte cavalos montados em pêlo por elegantes cavaleiros nus enfeitados de arcos e flechas. Tal versão sofria

pequenas modificações nas bocas de Franco e José Castello: em vez de nus, os selvagens mais pareciam bichos de pena, enfeitados de todas as cores. Já outros, como o Dr. João Forte, o Dr. Osvaldo de Menezes, Maria da Cunha, Patrício, Luiz Abreu, Perdigão e Xavier, mencionavam animais de sela cavalgados por uns dez homens vestidos à moda de cangaceiros.

O dentista defendia com entusiasmo a tese indígena. Referia-se a gritos, atraindo para si todas as atenções. Combatia-o, com igual ardor, o médico. Dizia ser impossível a existência de índios no Ceará.

— Isso aqui não é o Amazonas, não.

José Castello fundamentava sua retórica com informações históricas e antropológicas.

— Vocês já ouviram falar dos paiacus?

E ensinava: outrora os tais selvagens habitavam o espaço geográfico compreendido entre os rios Choró e Pirangi e na rebelião de 1713 se comportaram como os mais temíveis inimigos dos brancos.

— Lá vem você com suas pré-histórias.

Dr. Osvaldo, assessorado por Luiz Abreu, rebatia a hipótese do dentista e relembrava Lampião.

O povo se acercava dos debatedores e a notícia da refrega chegava aos extremos da multidão alarmada.

— Lampião voltou?!

Logo os dois partidos se insultavam. Alegava um que falava e provava, pois esteve na boca da gruta onde habitavam os remanescentes das antigas tribos.

— Enquanto vocês morriam de medo em casa.

O outro revidava, chocalhava e se referia à história de Sombra.

— De que tamanho era o cururu mesmo?

Na casa do morto, a viúva contava, entre soluços, detalhes da tragédia, enquanto aguardavam o caixão e o padre.

Primeiro foram leves pancadas na porta da rua, que acordaram o casal e os filhos. Fora, cavalos resfolgavam e pisoteavam o calçamento. Logo, uma voz desconhecida dizia: "Abra a porta, papai." O dono da casa despertou de todo, armou-se de um revólver, mandou que a mulher e os filhos permanecessem deitados e dirigiu-se à sala. De fora a mesma voz im-

punha: "Abra a porta, papai." Pelo buraco da fechadura o homem viu a rua e atirou. No mesmo instante a porta se escancarou, a casa foi invadida por um bando de homens armados e um grito medonho se misturou a um vozerio de pragas. A mulher e os filhos correram à sala e só encontraram o corpo do dono da casa estendido no chão, coberto de sangue, a trouxa encarnada metida na boca.

— Coitado do Thaumaturgo.

Brasília, 1979.

1.ª edição
Impresso na Livraria Editora Pallotti
em outubro 82

Leia os demais livros
da **Série Novelas:**

1. **Quem matou Pacífico?**
   Maria Alice Barroso

2. **A Mulher Silenciosa**
   Deonísio da Silva

3. **Antes que o Teto Desabe**
   Roberto Gomes

4. **Cavalos e Obeliscos**
   Moacyr Scliar

5. **Caminhando na Chuva**
   Charles Kiefer

7. **O Mistério do Fiscal dos Canos**
   Glauco Rodrigues Corrêa

8. **O Inimigo na Noite**
   Rubem Mauro Machado

MERCADO ABERTO

Pedidos por reembolso:
Editora Mercado Aberto
Rua Santos Dumont, 1186
Cx. Postal 1432
90000 Porto Alegre - RS

SÉRIE NOVELAS

a leitura inteligente
e descontraída

Livro: o presente inteligente.

"Andavam ao léu, perdidos dos caminhos, farejavam restos de virgem violada e rastros de violador desalmado. Catavam frutas podres, corriam atrás das próprias sombras, atiravam em visagens. Já não sabiam para onde seguiam nem onde se achavam. Pareciam um magote de bichos misteriosos. Thaumaturgo já não comandava nada, seu rifle nas mãos de Franco. Tenente Bezerra, de farda surrada, recebia ordens de Jacó, de Honorato, de Lima e de Arruda. O sacristão dava gritos em Padre Queiroz. Sombra era uma figura apagada, sem eloqüência. Todos mandavam e ninguém obedecia."

"Livro: o presente inteligente."

MERCADO ABERTO